ANO 14.º — LISBOA — SEXTA-FEIRA, 7 DE DEZEMBRO DE 1934 — N.º 4332

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273
Endereço telegrafico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

PEDEM-NOS a publicação do seguinte:

«*Sr. Director:*—Acabo de ler no jornal «L'Information» que o governo francês vai apresentar ao Parlamento um projecto de lei, tendente a resolver o problema do vinho e que tem o duplo fim:

1.º—Reabsorver o excedente que pesa actualmente no mercado.

2.º—Propôr medidas apropriadas para evitar no futuro, uma super-produção perigosa.

O primeiro resultado é obtido graças a uma distilação maçiça dos excedentes da ultima colheita. Esta operação que deve incidir sobre uns 15 milhões de hectolitros, apenas deixará disponivel para a venda, as quantidades correspondentes ás necessidades normais do consumo.

Para o futuro, as medidas previstas consistem em:

1.º—Na proibição de novas plantações, além das necessarias para assegurar o consumo dafamilia e as necessidades normais do vinhateiro.

2.º—Na proibição da venda de bacelos hibridos produtores directos, cuja lista será fixada pelo governo.

3.º—Na obrigação imposta aos viticultores possuidores de uma superficie de vinha superior a dez hectares, de procederem ao arranque, segundo uma escala progressiva.

4.º—Na proibição, aplicavel desde já, da venda de vinhos hibridos.

Com estas medidas pensa o governo francês, melhorar o mercado dos vinhos, sem prejuizo dos consumidores, e assegurar a existencia das populações viticolas da França e da Argelia.

Não acha V., sr. director, que estes principios se deviam aplicar á nossa casa? Estas medidas são inteligentetes e praticas, pois o alcool é um produto que se pode guardar sem perigo de se deteriorar e de consumo certo em Portugal. para o tratamento dos nossos vinhos do Porto. Não acha V. vantajoso este sistema? Porque se ha-de proibir a venda de vinho novo e de agua-pé, coisas que só apetecem na época propria, como agora apetecem as castanhas ou na Pascoa as amendoas?

Muito mais teria que dizer, mas não quero abusar da sua amabilidade.

Agradecendo desde já a V. a publicação destas linhas, não pelo prazer de vêr a minha prosa em letra de fôrma, mas na esperança de vêr que os competentes dedicam a este momentoso assunto a sua inteligencia, subscrevo-me—De V. etc. *João Geraldes*»

A questão vinicola está na ordem do dia, sendo alvo de interessantes diligencias. Fazemos votos para que ela encontre a melhor solução, dentro do possivel.

* * *

FOI eleito presidente da Academia das Ciencias o sr. dr. Julio Dantas, e eleito por unanimidade o que bem demonstra a alta consideração de que goza entre os seus pares. O mestre da lingua portuguesa, autor de tantas obras notaveis em prosa e verso, admirado dentro e fóra das fronteiras, elegante, culto e amavel, merece como poucos, a honrosa distinção.

A Academia das Ciencias deve-lhe o seu remoçamento.

Ainda ha dias, no Teatro Nacional, o publico teve ocasião de manifestar ao ilustre dramaturgo quanto o estima e aprecia, significando assim que o labor cultural do academico não é incompativel, antes pelo contrario, com a mocidade perene que exige o teatro.

PÃO PARA A BOCA

Ha dias, uma nota oficiosa do ministerio da Agricultura dizia em determinada altura:

> «... Os preços dos trigos têm de ser utilizados para actuarem como elemento regulador da produção e do consumo a fim de se evitarem para a lavoura e para o país, os males do sobre produção de um genero que se não pode exportar e os motivos que nos conduzem, além doutros, a promover a baixa do preço do trigo da futura colheita e a baixa correspondente dos preços das farinhas, dos sub-produtos do pão e das massas alimenticias, quando esses trigos entrarem no consumo».

Isto corresponde, iniludivelmente, ao anuncio de uma baixa do preço do pão.

Benvinda seja ela!

Se não podemos ser partidarios do «preço politico» do genero mais necessario á vida, aplaudimos, como todo o país, que o Estado, favorecido pelas circunstancias que ele proprio ajudou a criar, legisle no sentido de que o pão para a bôca se torne mais acessivel ás classes populares, por esse país fora.

Não discutimos um problema, este complexo problema dos trigos e das farinhas, que, antes de chegar ao consumidor — que tem naturalmente um criterioi simplista — interessa soberanamente a lavoura, a cujo esforço se deve em grande parte a dispensa da importação, e interessa igualmente a Moagem, a qual quando em face de direitos legitimos, merece ser ouvida nas suas alegações de defesa industrial.

Colocamo-nos no ponto de vista do consumidor, certos de que as estações oficiais saberão estabelecer o equilibrio entre os três interesses em jogo, que não em litigio.

Cada português não chega a consumir em média duzentos gramas de trigo por dia. Nem vale a pena acentuar o que isto significa de mesquinho. Num país que tem, actualmente — e já não é legitimo crêr que transitoriamente — uma super-produção de trigo, o povo come pouco pão alvo e caro.

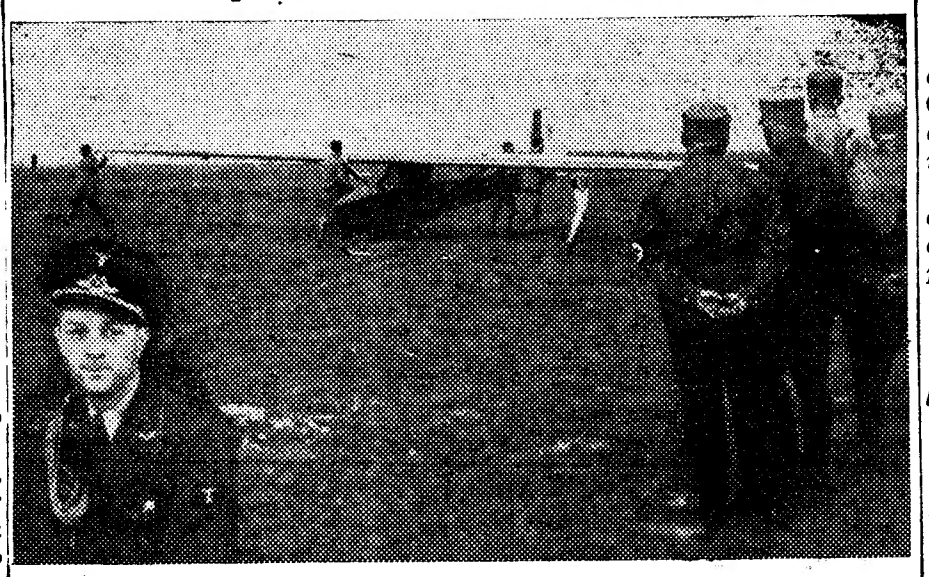
Tudo quanto o Estado faça — ainda que a titulo de experiencia — para multiplicar o pão para a bôca, pelo seu barateamento, é bem aceito.

Não cura o consumidor de saber as circunstancias em que a a lavoura produz a mais, e a Moagem moe a menos. Em verdade, isso não é com ele, que nem preparado está para considerar estes complexos problemas, — e se os tivesse — representaria na contenda a voz mais alta, mais de atender, se o ouvissem, o que raras vezes sucede.

O consumidor sabe apenas que o trigo sobeja, e que o pão escasseia, pela sua carestia relativa.

E eis porque a nota oficiosa tem um significado economico digno de referencia especial. Assim se cumpra.

A aviação sem motor em Portugal



O ultimo modêlo de avião sem motor utilizado na Europa — Na gravura, Joe Hans Schoene, com o uniforme de piloto do Aero Club da Alemanha

(Lêr entrevista na 8.ª pagina)

O SEMANARIO literario, «Fradique» publica no ultimo numero uma anecdota, que transcrevemos, pelo que entretem e pelo que evoca para alguns.

«Não vivem já os dois protagonistas desta historia: o infante D. Afonso, e o cantor D. Francisco de Sousa Coutinho, (Chico Redondo) cujo aniversario passaria no proximo dia onze.

Figuras conhecidissimas na Lisboa de antanho, o cantor e o infante atravessavam a vida ligados por uma amizade de infancia; e nessa remota infancia se passou o episodio que vamos narrar.

D. Carlos e D. Afonso tinham por aia a mãi daquele que mais tarde viria a ser um dos maiores cantores portugueses.

Tarde de verão. A familia real repousava em Cascais e os principes brincavam, com D. Francisco de Sousa Coutinho, na esplanada da cidadela.

Correram, pularam e, em certa altura, D. Afonso aventou a ideia de que brincassem aos soldados. D. Carlos e Chico Redondo aceitaram. D. Afonso exigia para si o comando da numerosa força... composta pelos seus dois companheiros. Negou-lhe Chico Redondo esse direito. Discutiram, tornaram a discutir e engalfinharam-se. Quando acorreram a separá-los, D. Afonso estava maltratado e jorrava sangue pelo nariz.

Passaram-se anos; D. Carlos subiu ao trôno, D. Afonso era um esbelto rapaz e Chico Redondo um baritono de renome, recemchegado duma digressão pela America do Sul.

Uma bela tarde D. Afonso descia o Chiado, guiando aquele «De Dion Bouton» com que espantara meia Lisboa; Chico Redondo, muito corpulento, atravessava a pé a movimentada arteria. Vendo-o, D. Afonso veio-lhe na direcção e, parando o auto prestes a colhê-lo, gritou-lhe:

— *Arreda-te,* Chico. Olha que morres!

Chico Redondo deu um passo atrás; olhou, e, reconhecendo o amigo, disse-lhe com a mais perfeita naturalidade:

— Olha lé, menino. Já te esqueceste aquela tarde de Cascais?

O infante riu, com gosto. Abraçaram-se. O principe levou o cantor fidalgo no seu estrondeante carro. E foi talvez desse risonho incidente em pleno Chiado que nasceu a popular alcunha do infante D. Afonso».

* * *

VAI enfim ser construida a ponte internacional sobre o Agueda, que dará seguimento á estrada n.º 6, Porto-Brca d'Alva, em adiantada construção, pois chega ao entroncamento da estrada Celorico-Foscôa.

Não falta porém mais que um lanço, que compreende todavia uma obra de arte importante, a ponte sobre o Côa, proximo da Muxagata.

* * *

FOI posta em arrematação a grande ponte sobre o rio Tua, junto a S. Mamede de Riba-Tua e que ligará aos distritos de Vila Real e Bragança, cujas estradas estão desde o ultimo Governo de Teixeira de Sousa, grande entusiasta desta obra, á espera da ligação.

As obras devem começar em março proximo.

A este numero do "Diario de Lisboa„ corresponde um suplemento literario de oito páginas

TEATROS E CINEMAS

No Teatro Nacional

Repõe-se esta noite no Nacional a bela peça «Manuela» de Virginia Victorino, uma das melhores e mais discutidas produções da ilustre mulher de letras.

Depois de amanhã repetem-se as peças de Julio Dantas, «Ceia dos Cardeais, «Soror Mariana» e «Rosas de todo o ano» e na segunda-feira repõe-se a «Conspiradora» de Mendonça Alves.

No proximo dia 15, a companhia Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro inicia os espectaculos com originais novos portugueses e estrangeiros. A primeira peça é de Ramada Curto. Chama-se «Sol Poente» e nela entra, em interpretação adequada, a grande companhia do teatro Nacional. A «première» de «Sol Poente» vai constituir certamente um acontecimento de invulgar significado nos nossos meios teatral e literario.

"O Menino Virtuoso"

Definitivamente, é hoje que se efectua, no Trindade, a estreia da comedia, «O Menino Virtuoso», tendo como principais interpretes os artistas Irene Izidro e Vasco Santana, estreia de uma nova companhia de comedia e farsa de que estes artistas são primeiras figuras e á qual pertencerão, oportunamente, Assis Pacheco, ainda no Avenida e Brunilde Judice, actualmente no Porto, onde vai participar na revista «Santo Antonio». Alem daqueles artistas são interpretes de «O Menino Virtuoso», as actrizes Amelia Pereira, Filomena Lima, Leonor d'Eça, Sofia Santos, Beatriz Belmar, Fernanda de Sousa, Lucia Mariani, Miquelina Rodrigues e Maria Carlos e os actores Clemente Pinto, Alberto Ghira, Gil Ferreira, Luiz Filipe, Seixas Pereira, Lino Ribeiro e Carlos Baptista.

"Damia" e "A Dama Branca"

Cumprindo o seu programa de atracções internacionais traçado no inicio da temporada, a empresa do teatro do Gimnasio, sob a direcção inteligente de Erico Braga, apresenta na proxima segunda-feira, num espectaculo verdadeiramente sensacional, a maior artista francesa no seu genero, Damia, mundialmente conhecida pela «Grande tragica da canção».

Formando «fundo» digno da notabilissima tragica, foi pela empresa do Gimnasio organizado um magnifico elenco constituido pelos nossos melhores artistas, tais como Adelina Abranches e Lucilia Simões, e ainda o distinto actor Erico Braga e outros, que desempenharão a curiosissima peça «A Dama Branca», dos irmãos Quinteros.

Atrás do reposteiro

Chama-se Antonio Vale, o velho actor que a Empresa do Sá da Bandeira do Porto nomeou para chefe de claque do seu teatro, com grande aplauso do publico daquela cidade e os melhores elogios da Imprensa portuense.

—Os personagens femininos da comedia «O Amor... é o Diabo!», o novo original de Joaquim Almeda, que se estreia na 3.ª feira, no Avenida, vão ser interpretados pelas actrizes Maria Matos, Maria Helena, Laura Fernandes e Maria de Oliveira.

—No teatro Maria Pia, em Leiria, estreia-se hoje, realizando ali três espectaculos seguidos, a companhia Hortense Luz, que no dia 10 trabalha em Anadia; nos dias 11 e 12, em Aveiro; 13 e 14 em Espinho e 15 e 16, em Agueda.

—Confirma-se a noticia, que já demos, da estreia no Variedades, definitivamente, na proxima semana, da opereta bairrista, popular, «O Chico das Pegas», de Mestre Eduardo Schwalbach, cujos ensaios de função estão sendo realizados activamente, dirigindo o poema a actriz Lucilia Simões e a parte musical o maestro Bernardo Ferreira.

—Dentro em breve será fixada a estreia, no Maria Vitoria, da nova revista «Viva a Folia!», de Lino Ferreira, Fernando Santos e Almeida Amaral, reaparição neste teatro da companhia de Maria das Neves e empresa dirigida pelo empresario-escritor Lopo Lauer, secretariado por Manuel Lisboa.

—O bailarino Piero tem já quasi concluidos os trabalhos de encenação coreografica da maioria dos numeros da futura revista do Apolo, «Zé dos Pacatos», com que a Companhia Rafael Marques, ainda este mês, inaugura a epoca de inverno do popular teatro Apolo.

—Passou ontem o 1.º anniversario do fallecimento do grande actor Chaby Pinheiro, tendo-se realizado uma missa de sufragio na igreja das Mercês, mandada dizer pela sua viuva, a artista D. Jesuina de Chaby.

—Faz amanhã anos o actor-empresario Mendonça de Carvalho, actual director-gerente da companhia Maria Matos no Avenida.

—«Novos e Velhos» repete-se hoje e até 2.ª feira, no Avenida, realizando a sua ultima «matinée», no proximo domingo, ás 15 e 30, dedicada ás familias de Lisboa.

—No Variedades, estão-se realizando as ultimas representações de «O Aldrabão», sempre em duas sessões cada noite, efectuando-se no domingo proximo a sua ultima «matinée», com brindes ás crianças.

—Partiu ontem para Madrid, donde segue brevemente para Barcelona, o actor Artur Duarte, que vai reassumir o cargo de assistente geral da Iberica-Filme, nesta cidade, e cumprir um largo contrato como artista cinematografico.

—Maria Salomé continua despertando os mais vibrantes aplausos no Coliseu, na interpretação de varios e graciosissimos papeis da fantasia «O Fim do Mundo» em que a distinta actriz marca pela sua gentileza, graça natural, distinção e arte requintada.

A versão francesa de "A Canção duma Noite"

MAGDA SCHNEIDER

O Condes estreia hoje a versão francesa da famosa comédia musical de Jan Kiepura «A Canção duma Noite», o filme que bate todos os «records» de publico da actual época.

Aqueles que viram a versão alemã, hão de sentir um interesse extraordinario em saborear a versão francesa, demais figurando nos seus elencos os prestigiosos Pierre Brasseur e Lucien Baroux. A estreia de hoje suscita, como confronto das duas tecnicas, esta pregunta. Qual é melhor: a versão francesa ou a alemã?

"A Grande Jaula"

O Central Cinema estreia na segunda feira um filme que marca pelo arrojo da sua tecnica e audacia das suas tomadas de vista. Intitula se «A grande jaula» e conta-nos a rivalidade de dois domadores, ambos feridos pelas feras, e os seus amores com uma linda rapariga, cujo coração é mais rebelde para dominar do que as proprias feras de garras acerradas e fauces hiantes. Um filme, em suma, que apaixonará o publico.

Actualidades

O duque de Kent, cujo casamento com a princesa Marina foi o acontecimento mundial de ha dias, escolheu um certo numero de filmes para serem projectados na sua residencia de Himley Hall. E' neste castelo, posto á sua disposição por lord Dudley, que os duques de Kent passam a lua de mel.

Desta selecção fazem parte uma produção inglesa «The Iron Duke» (O Duque de Ferro) grande filme de propaganda do cinema britanico, e mais seis produções americanas entre as quais figuram «Crime Without Passion», com Claude Rainz, o famoso «Homem Invisivel», e «Murder at the vanities» interpretado por Carl Brisson.

Estes dois filmes são da nova produção Paramount.

—Ha alguns dias que se encontra retido em casa por doença, felizmente sem gravidade, o nosso amigo sr. Leopoldo O'Donnell, empresario do cinema Olympia.

—As receitas do «Duque de Ferro» atingiram 1.100 contos na primeira representação, dada a favor do Hospital das crianças doentes, no Tivoli. de Londres.. O argumento escreveu-o H. M. Harwood e a realização foi de Vitor Saville, que finda a projecção foi acarinhado por longos aplausos.

O principe de Gales assistiu ao espectaculo.

—Lily Pons, a celebre cantora, que recentemente se consorciou com um oficial do exercito alemão, aceitou um contrato duma firma americana, para fazer em Hollywood três filmes, á razão de 300.000 cada.

—Gil Dagover acaba de filmar em Berlim «Ich heirate meine Frau» (Eu caso a minha mulher). Pela primeira vez a celebre artista alemã interpreta para a tela um «vaudeville». A realização é de Iohannes Riemann.

—E' em «Fort-de-l'Eau», a 3 leguas de Alger que Julien Dewivier, com os seus colaboradores, realiza as cenas mais importantes de «Golgothe». Construiram-se já imensos cenarios, tendo-se reproduzido as muralhas de Jerusalem, numa extensão superior a 100 metros, o Templo e seu adro, etc.

PROGRAMAS DE HOJE

S. LUIZ — TELEF. 27172 — Os homens da blusa branca — com Clark Gable e Myrna Loy — A's 21 e 30

CENTRAL — Telef. 2 4381 — O CORAÇÃO MANDA — comedia musicada com Fernand Gravey Anna Neagle e Pat Patterson — A's 21 e 30

CONDES — TELEF. 22523 — ESTREIA da versão francesa de A canção duma noite — com Jean Kiepura, Magda Scheider Pierre Brasseur e Lucien Baroux — A's 21 e 15

ODEON — Telef. 26383 — Vôo nocturno — Um filme do X ano da Metro Goldwyn Mayer — A's 21 e 15

PALACIO — Telef. 47163 — com John Barrymore Helen Hayes, Clark Gable, Lionel Barrymore, Robert Montgomery e Myrna Loy — A's 21 e 30

POLITEAMA — Telef. 2 6305 — Não ha amor como o segundo — com Elissa Landi, Warner Baxter e Victor Jory — O capitão de Cossacos — com José Mojica — A's 21 e 30

PARIS — Tel. 2 8777 — ás 8 e 45 — A CRISE ACABOU — A ULTIMA COMPANHIA — A ETERNA CANÇÃO — Matinées as 5.as e sabados ás 15

CAPITOLIO — Concerto Real de Sans-Souci — O FILHO DE CARNAVAL — Bilhetes desde 1$60

TERRASSE — O Turbilhão da Dança — Os dois inseparaveis — Ás 21 e 15 Telef. 20971

ROYAL — ESTREIA — GADO BRAVO — ás 21 e 45 Telef. 4 5037

Trindade — HOJE — A's 9 1/2 h. — Epoca de Inverno — ESTREIA DA COMEDIA — O MENINO VIRTUOSO — com IRENE IZIDRO e VASCO SANT'ANA — NOS DOIS PRINCIPAIS PERSONAGENS

Bolsas

7 de dezembro
CONTADO

VALORES	Efectuado	Compra	Venda
Fundos do Estado			
Consolidado 6 1/2 °/o 1923 convert. em 4 3/4 °/o 1934	1.112$00	1.111$00	1.113$00
Consolidado 5 1/2 °/o 1933	—	1.047$00	1.050$00
» 4 1/2 °/o 1933	980$50	980$50	981$50
» 4 °/o 1934	921$00	922$00	922$00
Externo 3 °/o 1.ª Serie	1.005$00	1.603$00	1.605$00
» 3 °/o 2.ª »	—	—	—
» 3 °/o 3.ª »	1.620$00	1.620$00	1.623$00
Emp. 4 1/2 °/o 1912	—	—	—
» 6 1/2 °/o 1928-Madeira	—	1.020$00	1.025$00
» 6 1/2 °/o 1930-Consol	512$00	511$50	—
» 6 3/4 °/o 1930-Portos	—	511$00	513$00
» 6 °/o 1932	—	1.030$00	—
Acções			
Bancos			
Comercial de Lx.ª port.	—	—	465$00
Lisboa & Açores, »	—	—	395$00
Portugal »	1.050$00	1.050$00	1.055$00
Espirito Santo	—	595$00	—
C.as de Seguros			
Bonança	—	—	—
Fidelidade	—	—	16.300$00
Mundial	170$00	169$00	—
Nacional	—	650$00	—
Sagres	—	900$00	950$00
Tagus	—	635$00	—
C.as diversas			
C. P. ordinarias	—	90$00	105$00
» » privilegiadas	—	—	—
Aguas de Lisboa, port.	—	622$00	630$00
Cerveja Estrela	—	237$50	241$00
Cimentos de Leiria	—	500$00	600$00
Credito Predial	23$30	23$25	23$40
Gaz e Electricidade	277$00	276$50	277$50
Navegação	60$50	60$00	61$00
Portugal e Colonias	68$70	68$50	68$60
Portuguesa de Pesca	—	157$00	160$00
» de Tabacos	368$00	368$00	—
Tabacos de Portugal	315$00	314$00	315$00
Tabaqueira	—	522$00	535$00
União Electrica Portug.	—	180$00	182$00
Coloniais			
Assucar d'Angola	—	396$00	598$00
Busi — 1.ª Emissão	38$00	38$10	39$00
» — 2.ª »	—	—	—
Ilha do Principe	128$00	127$00	129$00
Obrigações			
C. P. 6 o/o	488$00	487$00	489$00
Prediaes 6 o/o — 1932 1.ª	89$00	88$50	89$50
» 7 o/o	115$00	114$50	115$00
» 8 o/o	—	92$60	—
U. Electrica Port. 7 1/2	—	127$00	129$00
Busi 9 o/o	—	118$50	119$50

Henrique de Barros Gomes
Corretor oficial da Bolsa de Lisboa
Telef. 2 5482 — Rua S. Julião, 69

Teatro Nacional
HOJE — A's 21 e 30 — HOJE
Representação da encantadora peça, em 3 actos, de Virginia Vitorino
MANUELA
com AMELIA REY COLAÇO na protagonista
Domingo: Teatro de Julio Dantas — Ultima exibição das peças do ilustre escritor «Soror Mariana», «Ceia dos Cardeais» e «Rosas de Todo o Ano».
Segunda-feira: Unica representação da peça de Mendonça Alves
A CONSPIRADORA
Sabado, 15: 1.ª Recita de Assinatura da Epoca de Inverno, com a 1.ª representação da peça em 3 actos de Ramada Curto
SOL POENTE
Hoje começou a venda avulso para as primeiras representações.

AVENIDA — ULTIMA SEMANA — A's 9 1/2 Horas
DE
Novos e Velhos
3.ª FEIRA, 11:
Definitivamente
O Amôr . . . é o Diabo!
de JOAQUIM ALMADA

VARIEDADES — ULTIMA SEMANA
DA COMEDIA
O ALDRABÃO
Na proxima semana:
O Chico das Pêgas
DE
EDUARDO SCHWALBACH

Leiam ás quintas-feiras o jornal humoristico o «SEMPRE FIXE»

Cultura cinematográfica

Filmes recomendados pelo Diario de Lisbôa

Exibem-se em Lisboa esta semana três bons filmes, dignos de serem vistos «com olhos de vêr», como diziam os antigos. Todos três são belas obras de cinema, a varios titulos, mas principalmente porque em todos eles se revela a mesma boa compreensão do que seja o espectaculo cinematografico. Muito diferente, no fundo e na aparencia, existe uma indiscutivel unidade entre a forma como foram tratados, por três realizadores distintos (um alemão, um russo e um americano), três casos que nada têm de comum. Essa unidade, que não pode escapar aos que vêem nos filmes outra coisa além duma historia contada em bonecos animados, deve-se ao facto de ter sido empregada em todos eles a verdadeira «linguagem» do cinema, escritura de alfabeto ilimitado, mas cujos sinais ideograficos obedecem a verdadeiras leis de composição e de ocorrencia, modo de expressão que é, simultaneamente, preciso e subtil, concreto e abstrato, objectivo e subjectivo.

Referimo-nos, evidentemente, aos filmes *Princesa das Czardas*, de Georg Jacob, *Os Homens da Blusa Branca*, de Boleslavsky, e *Vôo Nocturno*, de Clarence Brown.

Coincidencia interessante: nenhum delcs foi feito a partir dum argumento original, isto é: escrito expressamente para o cinema. *A Princesa das Czardas* baseia-se na famosa opereta de Kálmán. *Os Homens da Blusa Branca*, num drama de Sidney Kingsley, premio Pulitzer de 1933. *Vôo Nocturno*, no romance de Saint Exupéry, Premio Fémina de 1931.

Isto vai dar que pensar aos que supõem que não é possivel extrair dum livro ou duma peça teatral uma obra autenticamente cinematografica. Sômos dos que proclamam, alto e bom som, que isso nada influi na qualidade dum filme. A questão está apenas na maneira como é feita a transposição. E não têm conta os filmes nã cinematograficos realizados segundo *bons* argumentos originais.

Até vamos mais longe: não ha como os filmes adaptados de livros ou de peças para julgar das qualidades dum realizador; e, infelizmente, não ha, por enquanto, autores cinematograficos que possam competir com os romancistas e os dramaturgos no que respeita á «humanidade» e ao interesse das ideias expostas. O melhor filme de René Clair — pelo menos, o mais cinematografico — *O Milhão* — foi extraído duma peça de Labiche...

★ ★ ★

Georg Jacoby teve o mérito de adaptar convenientemente ao cinema a opereta de Kálmán sem destruir nenhum dos elementos que constituiam o encanto do libreto original, e que defendiam, pela sua beleza, aquela historia de amores contrariados. Deu-nos assim, no ecan, *uma verdadeira opereta*, sem nos fazer sentir nunca os «três actos». Pelo contrario: raras vezes temos visto tão arrojada montagem. Algumas ligações de cenas, dum atrevimento extraordinario, resultam primorosamente. Destacamos, por ser *absolutamente nova*, a que nos leva, sem transição, sem recorrer a nenhuma especie de artificio, do teatro para o quartel, obtida unicamente pela mudança de expressão do comandante, mudança que um toque de clarim sublinha, esclarecendo-a. E' essa libertação dos chamadas «unidades» de tempo e de lugar que distingue principalmente o cinema do teatro. Só prevalece a unidade de acção; e essa mantem-na Georg Jacoby com denodado brio.

Outra coisa muito notavel na *Princesa das Czardas:* o respeito e a habilidade, com que foi conservada e executada a partitura de Káhnán, tão linda que seria um crime truncá-la sob o pretexto de «fazer cinema». Jacoby soube ser bom cineasta sem sacrificar um unico compasso, pondo os interpretes a cantar tantas vezes quantas es que Káhnán entendeu necessarias, sem que isso prejudique o desenrolar vivissimo das imagens. Essa atitude é tanto mais para louvar quanto é certo que «Sylvia Varesco» foi distribuida a Martha Eggerth. Nunca a vimos tão linda, tão graciosa, tão boa artista, quer como cantora quer como actriz! Vestida com o mesmo bom-gôsto que preside a toda a encenação, vem maquilhada como nunca, representa e canta que é um regalo. Que suave, quente, dôce, insinuante, maravilhosa voz!

A seu lado, dois actores excelentes: Paul Kemp, comico de recursos seguros, e Paul Horbiger, num curiosissimo papel.

O tenor, embora seja o pior da festa, não desmancha o prazer que ela nos dá.

A sequencia visual e a sequencia sonora da *Princesa das Czardas* equilibram-se tão perfeitamente que esta opere a da Ufa pode indicar-se com um modelo de tecnica fonocinematografica.

Mas ainda ha quem se dê ao trabalho de dividir o «genero opereta» como aquele sabio brasileiro (?) dividia os mosquitos:

— Há duas ispécie di môsquito: o môsquito própriameti dito — e o môsquito mesmo!...

* * *

Não conhecemos a peça de Sidney Kingsley donde foi adaptado o filme de Boleslawsky. Nada podemos dizer portanto dessa adaptação. Em todo o caso, o *découpage* não é famoso, mormente no final, onde a acção se desarruma, por assim dizer. As personagens, bem caracterizadas de inicio, perdem bastante da sua personalidade no momento em que mais importava defini-la. E' evidente que o ultimo acto do drama decorria no gabinete do dr. Hochberge. Tudo o que vemos, no filme, passa-se á cabeceira da moribunda deve passar-se, na peça, fora de cena. O planificador não soube resolver satisfatoriamente o problema.

Alternando, como fez, os cenarios do gabinete e do quarto; fazendo saír primeiro a noiva, depois o medico; confrontando-os separadamente com a enfermeira e deixando o outro a falar com o dr. Hochberg, destruiu a continuidade e deminuiu a importancia dos acontecimentos.

Isso não impede, no entanto, que *Os Homens da Blusa Branca* seja uma obra cheia de qualidades. A flagrancia com que o realizador surpreendeu a vida dum grande hospital americano; a forma como soube defender-se dum meio ingrato, aproveitando-lhe a fotogenia particular, num lindo jogo de manchas brancas; a delicadeza com que apresentou o caso, que podia chamar-se «a tentação do dr. Fergusow» — tudo revela o talento real de Boleslawsky. A injecção na criança e a operação da enfermeira são duas cenas magnificas que bastam para classificar um realizador.

Na interpretação, muito acima de todos — Jean Hersholt. O ar profissinial do dr. Hochberg, a sua energica bondade, só podiam ser dadas assim por um grande actor como ele é. Clark Gable continua muito bem. Um homem, na completa acepção da palavra. Myrna Loy adoptou uma nova silhueta, que a favorece. Engordou e desistiu por completo de armar em vampiresa. Folgamos muito com esta ultima resolução — e continuamos boquiabertos perante o seu complicadissimo nariz. Elisabeth Allan, a inglesa que não nos convencera no *Misterio do sr. X*, representou com muita habilidade o histerismo mistico da enfermeira. Otto Kruger limita-se a passar, com os seus olhos tristes e a sua bôca torturada.

* * *

Optima, a planificação do romance de Antoine de Saint-Exupéry. Tarefa dificilima. Toda a acção decorre em 24 horas, nos mais diversos lugares, todos parecidos, mas principalmente nas nuvens, e de noite — uma «noite perdida» que nos fez ganhar a noite em que vimos o filme de Clarence Brown. O grande mapa luminoso do gabinete de Riviére é um achado! Nele se concentra e resume toda a acção, grafico engenhoso que a localiza, sem lhe fazer perder nada da sua intensidade. A epopeia obscura dos plilitoss postais é dada ali mão do mestre, como no livro que originou o filme. A simplicidade aumenta o heroismo. Aqueles homens não precisam de contrair os rostos nem de fazer grandes gestos para nos emocionarem. Até quando têm mêdo os sentimos valentes!

Tradução perfeita do estilo de Saint-Exupery, *Vôo nocturno* é um dos fotodramas mai sólidos que temos visto. Clarence Brown nunca fez nada melhor, nem na *Mulher de 40 anos*, nem no *Demonio e a Carne*, nem na *Vertigem do Oiro*. As tomadas de vistas aereas são notabilissimas. As imagens da travessia dos Andes dão-nos exactamente a sensação descrita na frase de Robert Montgomery: — Tudo quieto, misterioisamente parado... Rochas e neve... Parece que as montanhas se agacham para saltarem em cima de nós!...

Um *casting* soberbo — seis «estrelas!» — dá-nos uma interpretação digna dos grandes nomes que reune. Seria injusto destacar fôsse quem fôsse; damos os nomes por ordem alfabetica: Clark Bable, Helen Hayes, John Barrymore Leonel Barrymore, Mirna Loy, Bobert Montgormey.

Uma cena inolvidavel: o fim da tempestade, quando se acaba a gosolina no «603.»

Primeiro, o cenario ciclopico das nuvens... A alegria que volta com o bom tempo... Os dois aviadores tiram os capacetes, riem estiram os braços regulamente... Nas caras deles ha mais do que a esperança: ha a certeza da vida e da vitoria!... Mas o deposito está vasio... A agulha do mostrador aponta o zero — o nada... Pára o motor. E aquele silencio — *é já o silencio da morte!*

Em baixo, nuvens — nada mais que nuvens. Por cima de que lugar estará o avião?... Lança-se um foguetão suspenso, que parece um brinquedo...

— Quando eu gritar, salta.

Primeiro um...

Depois o outro...

Os pára-quedas, como dois passaros estranhos e preguiçosos, somem-se devagar no nevoeiro...

E vê-se o rogueirão agaradar-se no mar,

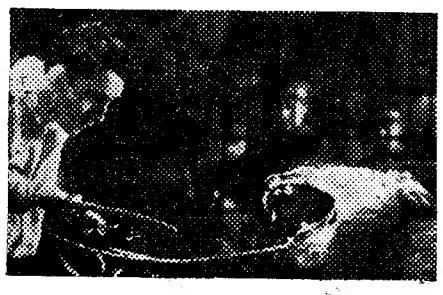
Isto — é má literatura.

No filme de Clarence Brown, garanto-lhes que é bom cinema.

RETARDADOR

Czardas, Medicos e Aviões

SONORO-FILME apresenta
na proxima segunda-feira no
Central
o primeiro grande filme que trata unicamente de de domesticação de feras.



Um combate formidavel entre Liões e Tigres
A Grande Jaula
(Big Cage)

Sonoro-Filme apresenta
brevemente no TIVOLI
o filme mais sensacional da epoca
O HOMEM INVISIVEL
uma obra fantastica

Minhas Senhoras
o Salão Marcel
Rua Garrett, 48, sloja
Resolveu durante 15 dias fazer um desconto de **40** % em todas as permanentes, lembrando que o seu pessoal è dos mais habilitados de Lisboa.

UM LIVRO DE ALTO VALOR
NOVO MANUAL DO ELECTRICISTA
pelo Eng. Hugo Pinto de Morais Sarmento
1 volume de 424 paginas e 246 gravuras, encadernado em percalina
Esc. 25$00; pelo correio, á cobrança, **Esc. 27$00**
A' venda nas livrarias e na Filial do "Diario de Noticias„, L. Trindade Coelho
Pedidos á **Livraria Bertrand,** Rua Garrett, 73 — LISBOA

A PRINCESA DAS CZARDAS
é o filme da
AGENCIA CINEMATOGRAFICA
H. DA COSTA, L.ª
A grande casa nacional de filmes que tambem apresenta brevemente
Uma Valsa para Ti
com o grande tenor
LOUIS GRAVEURE
o célebre cómico HEINZ RUHMANN e a vedeta internacional CAMILLA HORN. Um filme musical, cuja acção decorre num paíz de fantasia.
Jorge e Georgina
o famoso
GEORGES ET GEORGETTE,
filme da **UFA** que é a melhor criação da linda
MEG LEMONNIER

ABADIA
Café Restaurante
Hoje Salchichas
de Cambridge.

A Cidade

Dr.ª Laurinda Alambre
Doenças das Senhoras. Partos
Rua Garrett, 74 s|l—Das 3 ás 6—Tel. 20524
Largo Dr. Afonso Pena, 19 r|c—Das 12 ás 2
Telef. 48424

"FESTA DA CRIANÇA"

E' amanhã que se realiza o grandioso baile na Camara Municipal

E' grande o entusiasmo da nossa sociedade elegante pelo sumptuoso baile que, amanhã, á noite, se realiza nos salões nobres da Camara Municipal de Lisboa, a favor da «Festa da Criança».

O acontecimento é notavel pelo numero de qualidades de pessoas que a ele assistem e pelo magnifico programa que foi cuidadosamente organizado.

Assim, na «Hora de Arte», um grupo de gentilissimas senhoras da sociedade interpretará numeros de canto, baile e recitativos e exibir-se-ão as alunas de «madame» Britton's em artisticos bailados.

A sr.ª D. Maria Paula, vedeta das «Pupilas do sr. Reitor», cantará pela primeira vez em publico um lindo numero de musica daquele filme, acompanhada pela esplendida orquestra composta de 12 professores e apetrechada para tangos.

Na «Meia hora de beneficencia» vão ser leiloados lindos objectos, expressamente oferecidos para este efeito, e na «Meia hora de elegancia» — outro numero de grande sensação, especialmente para as senhoras — assistir-se-á á passagem dos mais encantadores modelos de vestidos.

A esta parada de requintado bom gosto assistem os srs. Presidente da Republica, ministros, corpo diplomatico, altas individualidades civis e militares.

Os poucos bilhetes que restam para a deslumbrante reunião podem requisitar-se no salão de festas dos Armazens Grandela, ao preço de 30 e 50 escudos, respectivamente para damas e cavalheiros, com direito á bem servida ceia.

A Philips na V Exposição

de Radio e Electricidade

Na V Exposição de Radio e Electricidade ha afirmações de progresso que impressionam, merecendo que de entre elas se destaquem os magnificos stands da Philips Portuguesa, cuja actividade, cuja competencia tecnica e cuja ansia de perfeição constituem um exemplo raro entre nós.

O director da Sociedade Comercial Philips Portuguesa sr. Jacques Morpurgo, a quem se deve tão magnifica obra, tem na exposição do Parque Eduardo VII mais uma prova flagrante, nitida e insofismavel da alta competencia que o distingue e que o torna um dos maiores realizadores do nosso meio industrial.

Tudo quanto a Philips expõe é de inteira novidade, revelador de progressos admiraveis, mal atinando o visitante com uma preferencia na escolha e na apreciação do que seus olhos vêem.

A nova lampada «Octodo», por exemplo, criada nos laboratorios da Philips, é por si só uma maravilha da radiofonia cientifica, descoberta de tal utilidade que se impõe á admiração de todos.

A Philips expõe além disso outros artigos de especialidade—instalações de cinema sonoro, amplificadores, material de industria, etc.—que são do melhor que se produz não só em Portugal mas até nos meios mais progressivos do estrangeiro.

O III Congresso da Mutualidade

Principia amanhã o 3.º Congresso Nacional da Mutualidade, cujas sessões se efectuarão na séde da Associação de Socorros Mutuos dos Empregados no Comercio de Lisboa.

O programa do congresso é o seguinte:

A's 16 horas, sessão preparatoria; ás 21 e 30, sessão inaugural, com a assistencia de entidades oficiais, e se houver tempo, primeira sessão de trabalhos.

Dia 9 — Sessões plenas e de comissões, das 10 ás 12 e 30, das 15 ás 18 e das 21 ás 0.

Dia 10 — A's 14 horas, visita ás instalações da Associação de Socorros Mutuos de Empregados no Comercio de Lisboa; das 17 ás 19, sessão, e das 21 ás 0 sessão de encerramento.

A GARRETT Largo do Chiado, 9 e 11
Almoços completos de 12 e 16 Esc.
Jantares completos de 15 e 18 Esc.

Tomaram hoje posse

os comandantes das forças navais do Tejo e da flotilha ligeira

A bordo da fragata «D. Fernando» assumiu hoje as funções de comandante superior das forças navais do Tejo e daquele navio, o capitão de mar e guerra sr. Mendes Norton.

O cargo foi-lhe entregue na camara do comando pelo capitão de mar e guerra sr. Carlos Saldanha, que desejou ao seu sucessor as maiores prosperidades.

Em seguida, depois de receber os cumprimentos da oficialidade, o novo comandante em chefe das forças ligeiras da esda na tolda, assistindo por fim ao seu desfile em continencia.

Terminada a cerimonia, os comandantes Norton e Saldanha desembarcaram, apresentando-se ao sr. ministro da Marinha e almirante comandante geral da Armada.

Tambem hoje assumiu, a bordo do contratorpedeiro «Lima», as funções de comandante em chefe das forças ligeiros da esquadra o capitão de fragata sr. Alfredo Botelho de Sousa, que ficará tendo sob as suas ordens os contra-torpedeiros e os torpedeiros em serviço.

Não ha noticia da fuga

de Jorge Pinto Pacheco

O ministerio dos Estrangeiros comunicou á Policia de Investigação que, em 13 de novembro, embarcára em Casabranca, com destino a Bordeus, o ex-tesoureiro da Junta Geral do Distrito, Jorge Pinto Pacheco, autor dum desfalque de dois mil contos naquele estabelecimento oficial. Acrescentava essa comunicação que o preso seria entregue ás nossas autoridades. Os jornais da manhã de hoje noticiam a fuga do preso ao chegar a Marselha.

O sr. dr. Alves Monteiro, director da Policia, interrogado pelos reporteres, sôbre o caso, declarou não ter qualquer informação oficial acerca da evasão.

Quintanistas de Medicina

Os quintanistas de Medicina organizaram um interessante programa de festas que começam amanhã, sabado, com uma conferencia do sr. Silva Ramos, que falará sobre «Eugenesia».

Na proxima segunda feira, realizar-se-á o torneio universitario de florete, para disputa da Taça Medicina, aberto a todos os alunos das escolas superiores.

As festas encerram-se com a tradicional recita que se realiza no proximo dia 12, com a revista «Colicas finais», no Politeama, estando os bilhetes á venda na Faculdade de Medicina.

Divulgação cientifica

Uma conferencia sobre Mme. Curie

O sr. dr. Manuel Valadares realizou esta tarde, na Associação dos Estudantes da Faculdade de Ciencias, uma curiosa conferencia, ocupando-se da personalidade e a vida de trabalho da ilustre mulher de ciencia que foi madame Curie. Assistiram numerosos estudantes, que enchiam por completo a sala de calculo onde se realizou a conferencia.

O caso das irmãs Primaveras

O sr. dr. Alves Monteiro recebeu hoje um oficio do juiz sr. dr. Sampaio e Melo, em que aquele magistrado lhe comunicava que Aida e Amelia Primavera, presas na cadeia das Monicas, se encontravam á disposição da Policia. Foi encarregado o chefe Antonio Augusto de as mandar buscar amanhã á referida cadeia, para serem ouvidas nesse mesmo dia no Torel.

Abuso de confiança

O sr. F. Capeiro, residente na travessa de S. Mamede, letras J. L. F., queixou-se contra um individuo que vendeu sem sua autorização vario mobiliario no valor de 5.000$00, que estava á sua guarda.

Autoridades administrativas

Tomou hoje posse o novo governador civil de Evora

EVORA, 7.—Com a assistencia dos srs. ministros da Instrução e Comercio, dr. Henrique Cabrita, representando o sr. ministro da Justiça, e Armando Ribeiro, representando o sr. ministro do Interior, dr. Mario Esteves, secretario geral do Ministerio, presidente da comissão distrital da União Nacional, presidentes das Camaras Municipais e administradores dos concelhos do distrito, comissões concelhias da União Nacional, dr. Leovegildo de Sousa, antigo ministro da Agricultura, toda a oficialidade da guarnição, funcionalismo publico, academia do liceu e bastantes senhoras, tomou hoje posse, no salão nobre dos Paços do Concelho, do lugar de governador civil do distrito de Evora o capitão Raul Gomes Pereira, antigo ministro do Interior.

A posse do novo chefe do distrito foi conferida pelo secretario geral do governo civil dr. Celestino David, que leu o respectivo auto, assinado pela grande maioria das pessoas presentes. A' posse seguiram-se varios discursos, que estão sendo pronunciados á hora de telefonarmos.

PROPAGANDA ELEITORAL

MURTOSA, 6.—Com enorme assistencia, realizou-se ontem no salão nobre da Junta de freguesia da Murtosa, uma sessão de propaganda eleitoral promovida pela comissão concelhia da União Nacional, a que preside o sr. dr. Ernesto Marques Carrão.

Assumiu a presidencia o sr. governador civil de Aveiro, major Gaspar Inacio Ferreira, que escolheu para secretarios os srs. dr. João Carlos Henriques Tavares de Sousa, presidente da nossa Camara e dr. Carrão. Em cadeiras no palco, viam-se delegados das corporações administrativas do concelho, clubes e associações, autoridades civis e eclesiasticas, representantes das classes laboriosas do concelho, etc.

O sr. dr. Marques Carrão apresentou os conferentes srs. dr. Afonso Abragão, dr. Querubim do Vale Guimarães e governador civil de Aveiro, e, dada a palavra ao sr. dr. Afonso Abragão, delegado em Aveiro do Instituto Nacional de Previdencia e Trabalho, dissertou o orador brilhantemente acerca das Organizações Corporativas do Estado Novo, e do mutuo auxilio entre patrões e operarios, exalçando as vantagens da Casa do Povo, que brevemente iriamos inaugurar nesta freguesia. A seguir discursou o sr. dr. Querubim do Vale Guimarães, que teceu um hino de louvor ao Estado Novo, fazendo o elogio do sr. dr. Oliveira Salazar, e do sr. Presidente da Republica.

Falou por fim o sr. governador civil de Aveiro, que se referiu á Murtosa, admirando as suas belezas panoramicas e á laboriosidade dos seus habitantes.

Referindo-se com entusiasmo ao Estado Novo, prestou homenagem aos srs. presidentes da Republica e do Conselho afirmando que hoje mais que nunca o povo português tinha o dever de correr ás urnas para dar todo o seu apoio á situação politica que preside aos destinos do nosso país. No final foram erguidos vivas entusiasticos e delirantemente correspondidos ao sr. Presidente da Republica, ao sr. presidente do conselho, á Patria e á Republica.

Uma sessão na Amadora

No proximo domingo ás 15 horas realiza-se no salão dos Recreios Desportivos da Amadora, por inicativa da respectiva comissão de freguesia da União Nacional, uma sessão de propaganda eleitoral que está despertando grande interesse naquela localidade.

Tomam parte nela varios oradores de nomeada e será exibido um programa de filmes de caracter patriotico.

LEIA O
Tempo fixe

Foram duplicadas

7.200 acções

da C.ª Nacional de Navegação

O director da Policia de Investigação Criminal sr. dr. Alves Monteiro, foi informado ha cerca de 3 dias por um dos directores da Companhia Nacional de Navegação de que haviam aparecido na praça de Lisboa algumas acções daquela companhia com numeros em duplicado o que fazia suspeitar da existencia de qualquer falsificação. Os participantes indicavam como pessoa competente para prestar esclarecimentos sobre o caso um empregado da companhia chamado Alberto Martins Aparicio. Nesse mesmo dia foram encarregados das necessarias investigações o chefe Antonio Augusto e o agente Antonio Teixeira. Este ultimo dirigiu-se imediatamente aos escritorios da companhia onde se avistou com o referido empregado a quem começou por pedir varios esclarecimentos. A certa altura notou dificuldade da parte do Aparicio ao tratar-se de pormenorizar determinada informação.

Como achasse extranho o caso, o agente pediu ás pessoas que se encontravam no gabinete o favor de o abandonarem durante algum tempo para que ele pudesse conversar á vontade com o empregado.

Ao cabo de uma hora de conversação entre eles, estava tudo esclarecido, com enorme surpresa dos directores e do restante pessoal da companhia.

O autor da duplicação das acções era o referido empregado chefe, da secção de averbamentos, o qual confessou que desde meados de janeiro de 1929 se servia dos titulos que ali se apresentavam para desdobramento.

Em vez de inutilizar os titulos que lhe eram entregues para apôr o respectivo carimbo de inutilização e as depois arquivar o infiel funcionario ia empenhá-las ou vende-las.

Nessa época as acções estavam a 150$00. Depois, como é sabido, sofreram baixa. E foi então que começou a odisseia do empregado, pois não teve maneira de resgatar as que, em numero já de 3.200 tinha empenhado. Nem resgatá-las, nem pagar os respectivos juros. Então, deitou mão de outros titulos que já tinham o carimbo de «Inutilizada» e, raspando esses dizeres, começou a caucionar emprestimos feitos nalgumas casas bancarias.

E assim o numero de acções vendidas e empenhadas chegou a 7.200. Dessas estão já apreendidas 3.200, tendo o preso declarado hoje que vendeu as restantes.

A importancia da burla até agora apurada atinge a soma de 720 contos.

Só no Montepio Geral estavam empenhadas acções no valor de 106 contos, e na Associação dos Empregados de Marinha Mercante 50 contos. Tambem foram apreendidas algumas em diversas casas prestamistas.

O preso aproveitando a distracção doutros reclusos que se encontram no mesmo quarto no Torel, feriu-se hoje com dois golpes, tendo-lhe os companheiros acudido a tempo.

O Aparicio ha vinte seis anos que prestava serviço na Companhia.

Exposição de Radio e Electricidade

Continua a ser todas as noites visitada por milhares de pessoas a interessantissima Exposição de Radio e Electricidade, no pavilhão de festas do Parque Eduardo VII.

Para hoje a comissão organizadora elaborou os seguintes premios: 1.º, um aparelho «Philco», de 5 valvulas, corrente alterna, no valor de 2.000 escudos, oferta da Radiofila, L.ª; 2.º, um artistico candeeiro de estilo moderno, para mesa, avaliado em 160 escudos, oferecido pela Empresa Electrica de Lisboa; 3.º, um aquecedor para ferro de frisar no valor de 150 escudos, oferta das Companhias Reunidas Gás e Electricidade; 4.º, seis lampadas «Pallas», da firma Gilberto Sequeira.

Viajantes

A bordo do «Lima», parte amanhã para a Madeira, acompanhado de sua esposa, a sr.ª D. Maria José de Sousa Brandão Vieira Guimarães, o nosso presado amigo sr. dr. Vieira Guimarães, ilustre professor, academico e historiador. Conta demorar-se até os principios do proximo ano.

No TIVOLI: uma opereta maravilhosa!
A Princesa das Czardas
com a divina MARTA EGGERTH, a cantora de sonho!

RADIO EUROPA
REPARAÇÕES
T. S. F.
O LABORATORIO
mais completo do país
R. Augusta, 75, 1.º—LISBOA

A Cidade

GUARDA-LIVROS
Habilitação rapida, garantida
Cursos de especialisação: Francês (comercial) Estenografia, etc. Peça GRATIS o nosso livro de propaganda com todos os esclarecimentos
ESCOLA COMERCIAL PORTUGUESA
POR CORRESPONDENCIA
Rua do Arsenal, 54, 3.º-LISBOA

O JULGAMENTO DO CAPITAO ALMEIDA PINHEIRO

A audiencia de hoje foi preenchida pelo depoimento

do antigo adido militar em Paris, sr. coronel Vitorino Godinho

Reabriu-se hoje a 4.ª audiencia do julgamento do capitão aviador Almeida Pinheiro.

A sala do primeiro tribunal, Militar Territorial está replecto, destacando-se entre a assistencia o elemento militar.

A sessão abriu á hora habitual comparecendo as testemunhas srs. coroneis Vitorino Godinho, antigo adido militar, em Paris; Ribeiro de Melo Nobre e Segurado Achemann e alguns oficiais aviadores.

O sr. coronel Pires Monteiro, presidente do tribunal, pediu que ficassem apenas os srs. coronel Vitorino Godinho, que passou a ser instado pelo promotor Ribeiro de Melo Nobre, que se conserva na teia, por já ter prestado o seu depoimento, e Segurado Achemann.

O presidente declarou que ficavam intimados a comparecer na terça-feira, pois na segunda não havia sessão, os srs. coroneis Freitas Soares, Oliveira Simões, Ferreira do Paço, major Olimpio de Melo e tenente Castro Cabrita.

O sr. tenente-coronel Tamagnini Barbosa iniciou assim as suas instancias:

—Ouvi o depoimento de V. Ex.ª na ultima audiencia, e ele está mais ou menos conforme com o do processo. No entanto, desejo fazer algumas preguntas para bem discriminar a responsabilidade do reu. Atraves das declarações de V. Ex.ª surgiram alguns elementos de suspeita que se torna necessario aclarar. Esses esclarecimentos, porém, devem condizer com o libelo e com o texto dos autos.

O sr. coronel Vitorino Godinho, á primeira instancia do promotor, respondeu:

— O reu, quando se deram as primeiras faltas, desempenhava as funções de delegado tecnico da nossa delegação, em Paris; quando se verificou a falsificação dos cheques, já ele não estava ao serviço do adido militar.

O declarante acentua:

— E' necessario dizer que o capitão Almeida Pinheiro se apresentou, em Paris, por ordem do ministerio da Guerra.

O sr. tenente-coronel Tamagnini Barbosa preguntou ao declarante se admitia a possibilidade de ter havido confusão na requisição do material, ao que o declarante respondeu:

— Nada de confusões. Almeida Pinheiro cometeu os crimes de que é acusado, quanto ao material; quanto aos cheques, não admito a possibilidade de ter sido outra pessoa a falsificá-los.

O promotor:

— Quando o reu foi nomeado para o lugar de adjunto tecnico, V. Ex.ª estava já no exercicio das suas funções, em Paris?

O declarante:

— O capitão Almeida Pinheiro apresentou-se na legação durante a minha viagem a Portugal, onde ainda não viera depois do armisticio.

O tenente-coronel Tamagnini Barbosa:

— Como explica V. Ex.ª que a folha de assentos do reu não mencione, como está determinado, a sua estadia como delegado tecnico da aviação, em Paris?

O declarante:

— Tambem, eu já estava ha dois anos como adido militar, em Paris, e a minha nomeação ainda não havia sido publicada no «Diario do Governo». Portanto, a observação de V. Ex.ª não tem importancia.

Entre os srs. tenente-coronel Tamagnini Barbosa e o coronel Vitorinho Godinho o dialogo prosseguiu:

— E' confusão a entrada do reu na legação...

— A verba inscrita na guia do capitão Almeida Pinheiro devia figurar juntamente com a do medico dr. Morais Sarmento. Essa verba tinha a data de 5 junho de 1919.

O sr. coronel Vitorino Godinho explicou, depois, as missões de que foi incumbido o reu até á sua saida de Paris.

O promotor:

— Quem eram as pessoas que compunham o conselho administrativo da legação portuguesa, em Paris?

— Os srs. coronel Barbosa de Magalhães, capitão Almeida Pinheiro e o dr. Alvaro Lapa, então alferes.

O promotor:

— O fundo desse conselho atingia 5.000 francos?

— Não, senhor. Existia uma importancia insignificante. Esse conselho prestava contas á comissão liquidataria do C. E. P. Quando era preciso, esta entidade entregava os fundos necessarios, a fim de suavisar as despesas com o pessoal dos cemiterios, etc.

O sr. tenente-coronel Tamagnini Barbosa, após varias instancias, disse ainda:

—Eu desejo esclarecer este caso o melhor possivel. Entendo que se verificou a cumplicidade de alguem... Aqui, em Lisboa; em Paris ou nos dois lados. V. Ex.ª admite a existencia dessa cumplicidade?

O declarante:

—E' possivel que ela tenha existido, mas o principal culpado é o capitão Almeida Ribeiro. Tambem é possivel que este tenha agido sozinho pois é bastante inteligente e activo para isso.

O sr. tenente-coronel Tamagnini Barbosa estranhou que o sr. tenente Armando Pinto adjunto do sr. Segurado Achemann, antigo presidente da comissão liquidataria do C. E. P., tivesse passado cheques ao reu como consta do processo, servindo depois como perito.

O presidente declarou que o referido oficial faz parte do rol das testemunhas, e que oportunamente será ouvido a fim de explicar o seu procedimento.

O sr. coronel Vitorino Godinho, aludindo a uma passagem dumja noticia publicada nos jornais e, mostrando os respectivos recortes disse:

—Bem vê, sr. promotor. Isto são coisas dos jornais.

O sr. coronel Vitorino Godinho passou a ser instado pelo sr. dr. Lorena Santos. Este a proposito do tratamento dado ás testemunhas na presença dos reus, leu uma passagem da noticia dum julgamento realizado num tribunal francês.

O declarante levantou-se nessa altura declarando:

—V. Ex.ª está enganado. Dou-lhe a minha palavra de honra que não me encontro aqui para torturar ninguem. Não desejo de modo algum agravar a situação do reu que já é bastante grave.

A proposito duma instancia, em que o defensor estranhou ter o declarante vindo a Portugal tratar de assuntos que se prendiam com o caso em vez de utilizar para isso um meio mais rapido, o telegrafo, o sr. coronel Vitorino Godinho replicou com vivacidade:

—Quando á volta de nós andam a rondar a infidelidade e a deshonra, os homens de bem, procuram antes de mais nada averiguar serenamente o que paira no ambiente que os rodeia para fazerem um juizo concreto.

A discussão entre a defesa e o declarante toma aspectos muito vivos, e o sr. coronel Pires Monteiro, intervem.

O sr. dr. Lorena Santos, num tom de voz elevado declara:

—Este homem que eu defendo necessita que os crimes de que é acusado, sejam esclarecidos, custe o que custar. O ministerio publico pede para o meu constituinte oito condenações a pena maior, facto inedito em Portugal.

O defensor continuou a analisar as declarações do sr. coronel Vitorino Godinho, surgindo em dado momento outro incidente, o qual o sr. dr. Lorena Santos pretendeu justificar, respondendo o declarante:

—Adiante, adiante... Passe adiante.

O sr. coronel Vitorino Godinho acompanha a leitura do seu relatorio, enquanto o defensor faz varias instancias. O ambiente severo do tribunal dissipou-se e ouviram-se mesmo algumas alusões de caracter politico.

O defensor:

—Tenho aqui um documento que se refere ao «capit. B».

O declarante em aparte:

—Perdão! Perdão! Não é isso. E' «Capitulo B», e não «capit. B».

O defensor:

—E' possivel.

Examinados os papeis verificou-se que o declarante tinha razão, mas o que não quere dizer que a defesa tivesse deturpado qualquer coisa.

O sr. dr. Lorena Santos aludiu, em seguida, á revolução de 19 de Outubro que afastou do poder o partido a que pertencia o declarante, a fim de tirar determinados conluios.

—Essa revolução deu algumas vassouradas...

O declarante:

—Enxurradas, talvez...

O sr. dr. Lorena Santos aludiu depois a um folheto escrito pelo declarante, respondendo este:

—Já não faço prosa... Estou farto delas.

Nesta altura voltou a adensar-se o ambiente animando-se de novo a discussão entre o antigo adido militar em Paris e o defensor, a proposito do desaparecimento dum documento considerado importante.

O sr. coronel Vitorino Godinho disse:

—Julgou-se ha tempo, um processo, talvez mais importante do que este o do celebre caso Alves Reis, tendo desaparecido varias peças do processo e...

O sr. dr. Lorena Santos:

—Mas não admito que tivessem desaparecido documentos do ministerio da Guerra, dos arquivos da Aeronautica e de outras repartições. O que então se passou e já longe, não se justifica.

A uma pregunta do defensor o sr. coronel Vitorino Godinho respondeu com veemencia:

—V. Ex.ª enverga uma toga de advogado e tambem é um oficial do exercito, segundo creio da administração militar. Sabe portanto de contas. Ha questões de balancetes, inspecções extraordinarias e outras apreciadas nesta sala que só se poderiam evitar tendo um policia habil ao lado de cada subordinado.

O defensor:

—V. Ex.ª tem um criterio pessimista.

O declarante:

—Não é bem assim. Procedo sempre de boa fé.

A nova instancia do defensor, o declarante declarou:

—Quando se esclareceram alguns pontos duvidosos, eu falei, logo, no nome de Almeida Pinheiro! Este nome refervia já dentro de mim.

Uma frase do dr. Lorena Santos:

—Existiu um documento que se tivesse sido conhecido pelo ministro das Finanças de então evitaria talvez a descoberta deste caso.

Esse documento, porém, desapareceu.

A audiencia foi interrompida em seguida, eram 15 e 50.

* * *

A sessão reabriu ás 16 horas. A discussão incidiu depois sobre o telegrama 8.118, enviado pela legação portuguesa em Paris ao chefe de gabinete do ministro da Guerra, acêrca duma suposta encomenda de material de aviação.

O sr. dr. Lorena Santos declarou, a proposito deste facto, que desapareceram os dois documentos mais importantes do processo: o manuscrito do referido telegrama e a segunda parte duma nota, sobre a qual foi escrita á mão a palavra «confidencial».

O tribunal agora está a esclarecer o que se passou numa conferencia havida em Paris, sobre a falsificação dos cheques, entre os srs. dr. Afonso Costa, coronel Ferreira do Paço, então major, e o coronel Vitorino Godinho.

O dr. Lorena Santos esclareceu que nessa reunião não tomou parte o director da filial do Banco Ultramarino, nem o empregado do mesmo, que era portador dos cheques falsificados.

A audiencia continua.

O "Dili" aterrou hoje em Karachi

O avião «Dili» aterrou hoje ás 18 e 25 (hora local) em Karachi, percorrendo assim mais 670 quilometros na sua viagem de regresso á metropole.

O tenente Humberto da Cruz e o mecanico Gonçalves Lobato prosseguem assim com magnifica regularidade o seu vôo, que tem sido desde a primeira hora uma das mais esplendidas provas de aviação dos ultimos tempos.

DESASTRES MORTAIS

Por ter caido de um andaime em que trabalhava, na avenida 24 de Julho, chegou já morto ao hospital de S. José, o pintor Antonio Abrantes Pina, de 40 anos, cujo corpo foi removido para a Morgue.

— Faleceu hoje no hospital de S. José o fundidor Pedro Quirino, que ontem ali dera entrada gravemente ferido em virtude de uma queda.

Almoço de homenagem

Como temos noticiado, realiza-se amanhã ás 19 horas, no Café do Coliseu, um almoço de homenagem ao novel e distinto artista sr. Fernando Bento, autor dos figurinos da fantasia «Fim do Mundo».

O numero de adesões é já muito elevado, constituindo pelo numero e pela qualidade das pessoas inscritas uma merecida consagração dos méritos artisticos e de caracter de Fernando Bento, um novo dos que mais galhardamente marcam no nosso meio.

Inquilina indesejavel

A sr.ª D. Maria Saraiva, residente na rua Luciano Cordeiro, 25, 1.º, queixou-se á Policia contra uma sua inquilina por esta ter rasgado o papel que forrava as casas que habitava.

Henrique Samorano

Para a familia de Henrique Samorano recebemos de «Um anonimo» o donativo de 50$00 que agradecemos.

No São Luiz: Um espectáculo admiravel, num filme de grande categoria
OS HOMENS DA BLUSA BRANCA
Um tema novo, na tela — O ambiente inexplorado dum grande hospital americano
Magistral desempenho de CLARK GABLE e Myrna Loy

Mundanismo

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

Viscondessa de Zambujal (D. Tereza), D. Eliza Franco de Castro Pinheiro Chagas, D. Maria Ana Guedes de Queiroz de Almeida Campos, D. Maria Luiza Travassos Valdez de Sarmento e Vasconcelos, D. Emilia de Barros Lamas, D. Maria Amelia da Silveira Bual, D. Maria da Conceição de Eça Leal Abecassis, D. Maria da Conceição Teles de Castro Sola Soares, D. Maria Tereza Ferrão de Castelo Branco, D. Georgette de Vasconcelos e Sá Ferreira, D. Maria da Conceição Valente Braamcamp de Matos, D. Virginia da Conceição Furtado de Menezes e Pinto, D. Maria Amelia da Costa Ribeiro, D. Carlota Dorsin Pinto, D. Etelvina Santos Baptista e D. Celeste de Sá da Gama Reis Pereira.

CASAMENTOS

Realizou-se na Basilica da Estrela, sendo celebrante o reverendo prior Monsenhor Domingos Nogueira, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, o casamento da sr.ª D. Maria Luiza Ribeiro da Silva Infante da Camara, filha da sr.ª D. Maria Luiza Ribeiro da Silva Infante da Camara e do sr. José Infante da Camara, com o sr. visconde de Almeida Garrett, filho da sr.ª viscondessa de Almeida Garrett e do falecido visconde do mesmo titulo, tendo servido de madrinhas as sr.as D. Maria Cristina Ribeiro da Silva Cordeiro Feio, e D. Izabel Maria da Camara Assis Palha, respectivamente tia e prima da noiva e de padrinhos os srs. conde das Alcaçovas e Antonio de Almeida Garrett, tios do noivo.

Terminada a cerimonia religiosa, durante a qual foram executados no orgão varios trechos de musica sacra, foi servido na elegante residencia dos pais da noiva, ao largo do Barão de Quintela, um finissimo lanche da pastelaria «Bernard», partindo os noivos, a quem foi oferecido grande numero de artisticas e valiosas prendas para Paris, onde foram passar a lua de mel.

DOENTES

Na casa de saude da Estrela foi operada com muito exito pelo habil cirurgião sr. dr. Bastos Gonçalves a sr.ª D. Natercia Candida Pinto da Silva.

CONFERENCIAS

Por motivo de doença da ilustre escritora brasileira sr.ª D. Cecilia Meireles, foi transferida para a proxima quarta-feira a conferencia que devia realizar hoje na Universidade Popular Portuguesa.

—O sr. Gualdino Alfredo de Brito Vasques, professor da Escola Superior de Medicina eVterinaria, realiza amanhã, ás 21 e 30 horas, no Instituto Superior de Ciencias, Economicas e Financeiras uma conferencia subordinada ao tema: «As causas da carestia das carnes em Portugal».

—No Liceu Normal de Lisboa, realiza-se amanhã, ás 17 e 30 horas uma conferencia pedagogica sobre «O ensino das ciencias da natureza nas duas primeiras classes dos liceus».

Gremio Lirico Português

Amanhã, sabado, á tarde, realiza-se nos salões do Gremio Lirico, o costumado Chá-concerto que está sendo o ponto de reunião elegante das familias da sociedade, reuniões cheias de grande animação, distintamente concorridas em que se dansa animadamente com uma orquestra jazz, predominando a nota requintadamente artistica com a audição dos melhores elementos do meio lirico e musical. O programa do Chá-concerto de amanhã é dos mais interessantes e atraentes.

Casa Pia de Lisboa

No proximo dia 10, ás 14 e 30, realiza-se na Casa Pia de Lisboa a inauguração do ano lectivo de 1934-35, com uma sessão solene a que presidirá o sr. Presidente da Republica.

CARTAZ

TEATROS

Nacional—A's 21 e 30—«Manuela».
Trindade—A's 21 e 30—«O menino virtuoso».
Avenida—A's 21 e 30—«Novos e Velhos».
Variedades—A's 20 45 e 22 e 45—«O aldrabão».
Coliseu—A's 20 e 30 e 22 e 45—«O Fim do Mundo».

CINEMAS

S. Luiz—A's 21 e 30.
Tivoli—A's 21 e 30.
Politeama—A's 21 e 30.
Condes—A's 21 e 15.
Central—A's 21 e 30.
Odéon—A's 21 e 15.
Olimpia—Das 14 e 30 ás 24
Palacio—A's 21 e 30.
Capitolio—A's 21
Chiado Terrasse—A's 21 e 15
Royal-Cine—A's 21 e 15.
Paris Cinema—20,45—R. Domingos Sequeira.
Jardim Cinema-21 e 30-Av. Alvares Cabral
Eden-Cinema—R. do Alvito, a Alcantara.

Leiam hoje o *SEMPRE FIXE*, jornal humoristico.

As festas do Natal

A Junta de Freguezia de S. Tiago vai celebrar este ano a «Festa da Familia» com um programa muito interessante, constituido todo ele por magnificas obras de assistencia, entre as quais avultam um bodo aos pobres e distribuição de brinquedos, vestuario e livros ás crianças, arvore do Natal, etc.

Agradecemos a oferta que nos foi feitá de uma senha do aludido bodo destinado a um pobre protegido pelo «Diario de Lisboa».

Um ronbo de 2.500$00

O sr. Joaquim da Silva Sousa Guimarães, residente em Belas, queixou-se á policia contra um individuo a quem acusa de ter levantado da Caixa Geral de Depositos, sem sua autorisação, um deposito que o queixoso ali tinha de 2.500$.

SUFRAGIOS

José Bonet

Passando amanhã o aniversario da morte do grande e saudoso pianista José Bonet, a sua viuva manda rezar uma missa na igreja dos Martires, ás 12 horas.

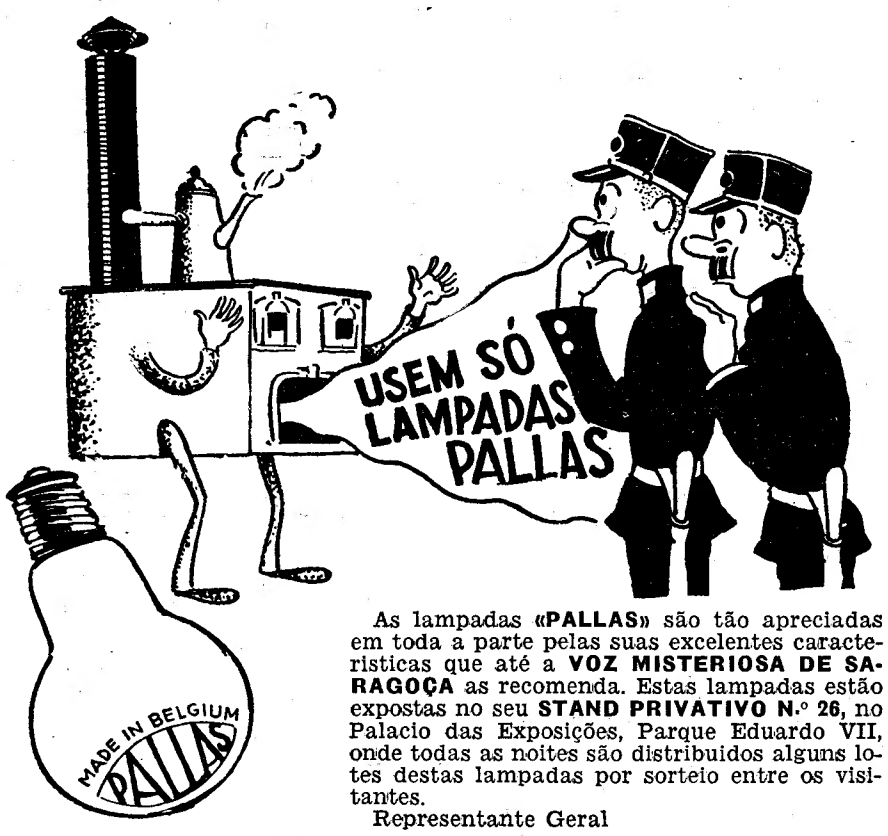
Gatunos de arrombamento

Os gatunos entraram por meio de arrombamento na residencia da sr.ª D. Palmira Roiz, na rua Castilho, 45, 2.º, onde furtaram roupas e um relogio de sala. A Policia vai investigar.

Casino do Estoril

As sessões de cinema do Casino do Estoril encontram-se interrompidas durante um mês, em virtude das obras que se estão a fazer nas salas de jogo.

A Voz Misteriosa de Saragoça



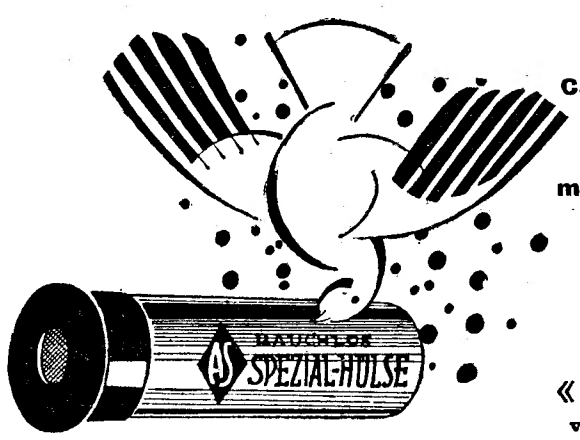
As lampadas **«PALLAS»** são tão apreciadas em toda a parte pelas suas excelentes caracteristicas que até a **VOZ MISTERIOSA DE SARAGOÇA** as recomenda. Estas lampadas estão expostas no seu **STAND PRIVATIVO N.º 26**, no Palacio das Exposições, Parque Eduardo VII, onde todas as noites são distribuidos alguns lotes destas lampadas por sorteio entre os visitantes.

Representante Geral

GILBERTO SEQUEIRA

Rua dos Douradores, 150-1.º *Telefone 2 6713*

TIRO AOS POMBOS



Carregamento especial para esta modalidade de tiro

«REKORD»

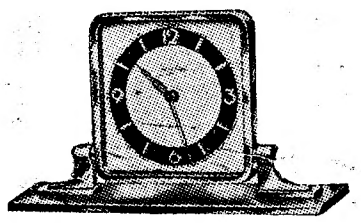
«ROTTWEILL»
vermelho e preto

«NEOFLAK-ELEY»

e muitas outras marcas.
Pedidos a

CASA A. M. SILVA

R. Betesga, 67 **Telef. 2 5424** **LISBOA**



Para o brinde que deseja um despertador do

Torroaes

é admiravel.

119 — RUA DA PRATA — 123
Telef. 2 4210

O exito glorioso da fantasia "O FIM DO MUNDO" e as duas sessões desta noite

Não hesitem, nem percam tempo... A vida de agora exige resoluções rapidas. Querem um bom espectaculo para esta noite, não é assim? O problema resolve-se num pronto indo ao Coliseu. Ha só que escolher a primeira ou a segunda sessão. Porque o espectaculo é o melhor e o mais barato da capital. Representa-se a maravilhosa fantasia «O Fim do Mundo», a peça de estrondoso sucesso que só pode ter como rivais as mais famosas e deslumbrantes obras teatrais do genero que se têm apresentado em Paris, Londres, Berlim ou Nova York. Nunca se se tinha mesmo apresentado em Portugal nada que ao de leve se pudesse assemelhar ao «Fim do Mundo». Todo o publico que já viu a encantadora fantasia confirma esta opinião. Não hesitem, pois! Vão ao Coliseu. E no proximo domingo terão «matinée» com entradas gratis ás crianças.

Judite de Sousa no «Algarve»

POLICLINICA DA RUA DO OURO

Entrada: Rua do Carmo, 98, 2.º — Telefone 26519

DR. ARMANDO NARCISO—Medicina. Coração e pulmões—5 h.
DR. BERNARDO VILAR—Cirurgia geral. Operações—5 h.
DR. MIGUEL DE MAGALHÃES—Rins e vias urinarias—10 h.
DR. CORREIA DE FIGUEIREDO—Pele e sifilis—5 h.
DR. LOFF—Doenças nervosas. Electroterapia 2 h.
DR. MARIO DE MATOS—Doenças dos olhos 2 h.
DR. MENDES BELLO—Estomago, figado e intestinos—3 h.
DR. FILIPE MANSO—Doenças das crianças—2 h.
DR. CASIMIRO AFONSO—Doenças das senhoras operações—2 h.
DR. FRANCISCO CALHEIROS—Garganta, nariz e ouvidos—4 h.
DR. ARMANDO LIMA—Bôca e dentes, protese—12 h.
DR. ALEN SALDANHA—Raio X—4 h.
ANALISES CLINICAS

Capristano & Ferreira-Bombarral

HORARIO DAS CARREIRAS DE AUTO-CARS

Carreira	Hora de partida
Lisboa—Leiria	7,00—14,30
Lisboa—Peniche	7,30—17,30
Lisboa—Nazaré—Alcobaça	8,30—16,30—18,30
Leiria—Lisboa	6,30—15,00
Alcobaça—Nazaré-Lisboa	6,30—10,00—14,30
Peniche—Lisboa	7,00—14,45
Peniche-Caldas da Rainha	9,00—15,30—19,30
Caldas da Rainha—Peniche	11,00—17,30—22,00

Com ligação em Leiria com a carreira do Porto
Lisboa—Porto ás 7,00
Porto—Lisboa » 7,40

Partidas de Lisboa: Largo de S. Domingos, 11 (letra) (Palacio Conde de Almada) *TELEFONE 2 1003*

Companhia Carris de Ferro de Lisboa

Fornecimento

Esta Companhia recebe propostas, em carta fechada, nos seus escritorios em Santo Amaro, até ás 12 horas do dia 15 do corrente, para o fornecimento de: — **150 Peças de lona; 150 Peças de pano orú; 100 Peças de alpaca e 6.000 Kg. de desperdicio d'algodão de côr** conforme as condições patentes na sua Direcção, todos os dias uteis das 10 ás 12 e das 15 as 17 1/2 horas. (Sabados das 10 ás 12 horas). Lisboa, Santo Amaro, 6 de Dezembro de 1934.

A Direcção

Caminhos de Ferro Portugueses

Desafio Farense-Lusitano em Olhão

Por ocasião do desafio de «foot-ball» entre o Farense e o Lusitano Foot-Ball Club que se realiza em Olhão no proximo domingo, a C. P. estabelece um serviço especial de diversas estações para aquela vila algarvia, com bilhetes especiais muito reduzidos válidos para a ida em 8 e 9 e para a volta até 10.

Haverá tambem diversos comboios extraordinarios.

ENCERADOS
PARA VENDA E ALUGUER TODAS AS DIMENSOES AOS MELHORES PREÇOS
JORGE SIMOES
23, Rua Vitorino Damásio, 24
(ao Jardim de Santos)
TELEFONE 2 2263 — LISBOA

ESTRANGEIRO

PELES
E CONFEÇÕES
Rua Fanqueiros, 376, 2.º
(entrada pela capelista)

O PREMIO NOBEL DA PAZ

para o dr. Melo Franco?

RIO DE JANEIRO, 7.—Todos os países da America do Sul aderiram ao pedido do Premio Nobel de Paz para o dr. Afranio de Melo Franco. Os jornais de todas as capitais enaltecem a ideia. «La Nacion», de Santiago do Chile, diz que é uma obra de justiça dar o Premio Nobel de Paz á America do Sul, que é onde está mais adiantada a organização da comunidade internacional. «Em poucas oportunidades—acrescenta—se pode reunir um côro tão unanime de admiração e respeito como o que se observa a proposito da pessoa do ilustre politico, jurisconsulto e internacionalista brasileiro».

O apoio de Portugal ao pedido do alto galardão para o dr. Afranio de Melo Franco encontrou eco em toda a America hispano-portuguesa. A Espanha seguirá o exemplo de Portugal. —(Americana).

A GUERRA NO CHACO

entrou numa nova fase

BUENOS AIRES, 7—Os paraguaios revelaram que o seu intuito imediato é conquistar Vila Montes, séde do abastecimento das tropas bolivianas que operam no Chaco e que é centro de uma importantissima zona petrolifera. Dali, procurarão estender-se até Santa Cruz. Os dois exercitos jogam, agora, os destinos da guerra e talvez os dos dois países.

Estão a dar-se os primeiros combates desta nova fase da luta do Chaco. —(Americana)

ASSUNÇÃO, 7.—Confirma-se oficialmente a tomada do forte boliviano de Cururenda pelas forças paraguaias. Quanto á ocupação dos fortes de Bolivar e Pririguarenda não ha ainda confirmação oficial.—(United Press).

O incendio de Perpignan

PERPIGNAN, 7.—O incendio que, ontem se declarou num cinema desta localidade, conforme noticiámos, ocasionou oito vitimas.—(Havas).

CAMBIOS

CHEQUE SOBRE	Compra	Venda
Londres	110$00	110$15
Paris	1$46,3	1$46,5
Madrid	3$03,6	3$04,1
New-York	22$18,7	22$21,7
Zurich	7$19,8	7$20,8
Roma	1$89,2	1$89,5
Bruxelas	5$18,6	5$19,3
Amsterdão	15$01,7	15$03,7
Berlim	8$92,1	8$93,3
Praga	$92,8	$92,9
Rio de Janeiro	1$48,9	1$49,1
Libra ouro	—	—

REAL COMPANHIA VINICOLA DO NORTE DE PORTUGAL
PORTO
Evel

Tipo criado por Mr. Joseph Laborde, professor da Escola de Oenologia de Montpellier

Incomparavel vinho tinto de mêsa

Tão bom como Bordéos

Leve, saudavel, digestivo, saboroso e perfumado

Encontra-se em todas as boas casas e na

FILIAL DE LISBOA
Rua do Alecrim, 117 a 121
Telefone 22556

Leiam hoje o *SEMPRE FIXE*, jornal humoristico.

NOTICIAS DE ESPANHA

A situação nas Asturias

MADRID, 7.—Procedente de Oviedo chegou esta manhã á capital o delegado especial do Governo nas Asturias, comandante Duval.

O ministro do Interior, sr. Eloy Vaquero, declarou a um redactor da United Press que a guarda civil efectuára ontem mais 24 prisões nas Asturias. Entre os presos figura o socialista Francisco Suarez, que foi o chefe do movimento revolucionario na povoação de Todella, e quatro membros do «comité» revolucionario de Obona. Acrescentou que a guarda civil encontrára numa busca levada a efeito esta manhã, nos arredores de Oviedo, centenas de armas, dois sabres e duas pistolas que pertenceram aos guardas assassinados pelos revoltosos.—(United Press).

O estado de sitio

MADRID, 7.—O jornal oficial «Gaceta de Madrid» publica o decreto que prorroga pelo prazo dum mês o estado de sitio decretado em toda a Espanha. —(Havas).

As relações do Japão

com os Estados Unidos

TOQUIO, 7.—Três importantes jornais desta cidade dão grande relêvo ao facto de ontem se ter inaugurado o serviço telefonico transpacifico entre o Japão e os Estados Unidos da America do Norte e ás palavras amigaveis que por essa ocasião trocaram os governadores de Toquio e Nova York.

Os referidos jornais terminam as suas considerações dizendo que as palavras trocadas entre os dois governadores significam «o inicio de uma nova era dourada nas relações entre o Japão e os Estados Unidos».—(United Press).

Marinha mercante inglesa

LONDRES, 7.—Foi hoje lançado á agua em Barrow-in-Furness o paquete ««Orion», de 24.000 toneladas, destinado ás carreiras do Oriente. A cerimonia foi presidida pelo duque de Gloucester, filho dos soberanos ingleses, que se encontra na Australia, o qual pronunciou um discurso que foi transmitido pela radiofonia e que se ouviu distintamente em Inglaterra.—(Havas).

Um inverno rigoroso

Temporal de neve em Chicago

CHICAGO, 7.—Anuncia-se que uma violenta tempestade de neve está a assolar a parte norte da região dos Grandes Lagos, onde causa prejuizos consideraveis nos rebanhos de gado.

Em Chicago a neve eleva-se á altura de 15 centimetros. A temperatura baixou consideravelmente. Devido ao intenso frio que faz, morreram já três pessoas.—(United Press).

O aviador Carlos Ulm

considera-se perdido

HONOLULU, 7—Continua a não haver noticias acerca do aviador Ulm e dos seus companheiros. Prosseguem as pesquizas, mas ha poucas esperanças de os encontrar.—(Havas)

Dez passageiros mortos

num choque de comboios

TUNIS, 7.—Proximo desta cidade chocaram dois comboios, em consequencia do que ficaram mortos dez passageiros. Ha grande numero de feridos.—(United Press).

As carreiras do "Zeppelin"

para a America do Sul

BERLIM, 7—O «Conde Zeppelin» interrompeu as suas viagens á America do Sul até á Primavera, segundo o plano estabelecido. Ao findar a sua 10.ª travessia—diz uma nota—a aeronave perfez 980.098 quilometros em 9.634 horas e 52 minutos de navegação. Portanto, a velocidade media foi pouco mais de 100 quilometros. Desde o primeiro dia em que entrou ao serviço, o dirigivel transportou 27.368 pessoas, contando com a tripulação; 41.183 quilos de carga e 24.748 de correio.

Agora, o serviço passa a ser feito pelos aviões da Hansa Aerea, os quais alternavam com o grande aerostato, saindo de 15 em 15 dias.

Cada sabado partirá um aeroplano para a America do Sul, e todas as sextas-feiras sairá outro do Natal para a Europa. Continuam a otilizar-se os dois navios-apoio, o «Westfalen» e o «Schwalenband», que servem de ilhas flutuantes e têm dado o melhor resultado.—(Americana)

UM CONGRESSO INDUSTRIAL

nos Estados Unidos

NOVA YORK, 7—O Congresso Industrial, em que tomaram parte delegados da Associação Nacional das Industrias, terminou os seus trabalhos, comprometendo-se a cooperar com o governo para o regresso á prosperidade. O Congresso pretendia tornar a N. R. A. facultativa e modificá-la. Reconheceu, no entanto, aos operarios o direito de discutir individualmente ou colectivamente com os patrões. Resolveu-se pedir ao governo que cesse a fiscalização exercida sobre a industria, que restabeleça o equilibrio do orçamento e que promova o regresso ao estalão ouro.—(Havas)

Preparava-se um movimento

para derrubar o governo peruano

LIMA, 7.—Numa rusga passada esta madrugada a varias associações suspeitas a Policia encontrou centenas de bombas de grande potencia, 250 espingardas e grande quantidade de explosivos e cartuchos.

Em Pacos, a Policia descobriu uma conjura aprista, que dentro em breve faria estalar um movimento revolucionario, a fim de derrubar o actual governo. Foram presos varios individuos que faziam parte da referila conjura. —(United Press).

O CODIGO PENAL CHINHEZ

condena o adulterio masculino

NANQUIM, 7—Segundo o desejo das mulheres, que sustentaram uma longa campanha, foi reformado o Codigo Penal. Por esta alteração o adulterio será punido com a prisão maxima de um ano, seja praticada pela mulher ou pelo homem.—(Americana)

A Inglaterra e a S. D. N.

LONDRES, 7—O «Times», referindo-se ás decisões tomadas ontem em Genebra, por proposta da delegação britanica, e aos discursos pronunciados por sir John Simon na Camara dos Comuns, diz que aqueles factos provam «que a Inglaterra está pronta a assumir responsabilidades dentro do quadro internacional «mas sempre de acôrdo com a Liga das Nações».—(H.)

UM PEDIDO DE LIVROS

para a Universidade alemã de Praga

BERLIM, 7—O reitor da Universidade de Breslau dirigiu um apêlo a todos os editores, pedindo a oferta de obras cientificas á Universidade Alemã de Praga para a substituição das que foram destruidas. Os livreiros já começaram a remeter os volumes desejados. Tambem por iniciativa do dr. Walz, os reitores de todas as Universidades do Reich, ou qualquer professor, por si, irão dar lições, sucessivamente, á referida escola da capital checo-eslovaca.

«Desta maneira—frisam os jornais—marca-se a união de todos os alemães que vivem dentro e fora da Alemanha».—(Americana)

O regresso da Alemanha á S. D. N.

BERLIM, 7—Os jornais alemães, a proposito do que se tem dito no estrangeiro, relativamente ao regresso da Alemanha á S. D. N., diz que o Reich só voltará a pensar no seu regresso ao organismo de Genebra quando fôr um facto a igualdade juridica de todos os povos.—(Americana)

Uma central nazi em Viena

que era um centro de espionagem

VIENA, 7—Nesta capital descobriu-se ontem uma central nazi. Este organismo era de facto um centro de espionagem de grande envergadura, que fornecia documentos secretos á Alemanha. Foram presos o chefe da Central, Niederdofer e muitos outros individuos.—(Havas)

Abra hoje ao seu almoço uma lata de *Sardinhas de Conserva* e regale-se

RECUSE AS LATAS SEM NOME DO FABRICANTE

CALDEVILLA

POLICLINICA DO ROCIO
L. D. João da Camara, 19 — (Ao Rocio Telef. 2 0660.
DR. A. PINA JUNIOR — Clinica geral e das crianças—14 h.
DR. CANCELA DE ABREU—Medicina geral, doenças nervosas—17 h.
DR. CORDEIRO BLANCO—Doenças dos olhos—11,30.
DR. CORDEIRO LOBATO — Garganta, nariz e ouvidos—14 h.
DR. F. MARTINS PEREIRA—Medicina geral, coração e pulmões—15,30 h.
DR. GONÇALVES VITERBO—Doenças de boca e dentes—16,30 h.
DR. JORGE FALCÃO—Pele e sifilis—15 h.
DR. JOSE PAREDES — Cirurgia geral, operações—16 horas.
DR. OLIVEIRA MARTINS—Doenças das senhoras-gravidez, ás 15.
DR. REGO CORDEIRO—Rins e vias urinarias—A's 11 h.
DR. GENTIL BRANCO—Raios X.
DR. REIS VALLE—Analyses clinicas.
Diathermia, ultra-violeta, infra-vermelhos, galvanisação, maçagem e gimnastica medica.

O melhor Brinde
Só na Relojoaria
AGUIA D'OURO
Rua do Ouro, 194
LINDOS RELOGIOS DE PULSO DESDE: 85$00

ODEON e PALACIO
O grandioso filme de grande sucesso
Vôo Nocturno
com 6 estrelas de renome mundial

ULTIMAS NOTICIAS

Companhia das Fabricas Ceramica Lusitania
Grandes fabricas de bons produtos ceramicos de
TODOS OS GENEROS E PARA TODOS OS USOS
Lisboa, Porto, Coimbra, Braga, Setubal, Faro, Portimão e etc.
A CERAMICA QUE HONRA O PAIZ !

A EXPULSAO DOS HUNGAROS DO TERRITORIO JUGOESLAVO

Ainda não seguiram

tropas para a fronteira

BELGRADO, 7—O ministro da Justiça da Jugoeslavia, sr. Kojitch, declarou ao representante da United Press que são falsas as noticias postas a circular na Imprensa estrangeira segundo as quais o Governo jugoeslavo tinha enviado tropas para a fronteira que confina com a Hungria. Acrescentou que as autoridades hungaras haviam aumentado grandemente o numero de expulsos, pois que o numero de cidadãos hungaros que até agora receberam ordem de abandonar o país não vai além de dois mil e que esta determinação do Governo jugoeslavo nada tem de comum com os assassinios de Marselha. Interrogado sobre se foram expulsos estrangeiros de outras nacionalidades, nada disse.

Sem confirmação oficial sabe-se que além dos hungaros vão tambem ser expulsos outros estrangeiros, em numero de quatrocentos.—(U. P.)

O debate na S. D. N.

GENEBRA, 7—O sr. Kanya ministro dos Negocios Estrangeiros da Hungria, chegou ontem a Genebra, devendo conferenciar hoje com os varios representantes das grandes potencias. Por outro lado, Jevtich, ministro dos Negocios Estrangeiros da Jugoeslavia, durante a reunião do Conselho, marcada para esta tarde, ás 15 horas, fará uma exposição da nota enviada pelo seu governo a proposito do atentado de Marselha e tentará provar a responsabilidade da Hungria na acção dos bandos terroristas. Jevtitch reclamará que a S. D. N. cumpra o seu dever, que é o de «salvaguardar a paz do mundo». Benés ministro dos Negocios Estrangeiros da Checoeslovaquia, e Titulesco, ministro romeno, usarão tambem da palavra.—(Havas).

GENEBRA, 7—A sessão do conselho da S. D. N., que esta manhã devia ocupar-se do requerimento da Jugoeslavia, foi adiada para esta tarde.—(H.)

O regente regresas a Belgrado

PARIS, 7—O principe Paulo, regente da Jugoeslavia, partiu para Belgrado. Durante a sua estada em Paris conferenciou com muitas personalidades, a quem manifestou o seu proposito de manter ainda mais forte a amizade franco-jugoeslava.—(Havas)

Foram condenados a pena maior

três assaltantes da ourivesaria da rua do Salitre

Terminou hoje na Boa Hora o julgamento dos oito acusados de terem entrado, por meio de arrombamento na ourivesaria de Tanissa Tavares, Limitada, da rua do Salitre, roubando joias no valor de 200 contos.

Julio da Silva ranco, Laureano José Rodrigues, «O Lampeão», e José Antonio Mendes, o «José da Facada», foram condenados a 6 anos de prisão maior celular, seguidos de 10 de degredo, ou na alternativa a 20 anos de degredo, 6 meses de multa a 1$00 por dia e 1.000 escudos de imposto de justiça.

Os 5 restantes foram absolvidos.

Dois alemães bloqueados

ha uma semana nas Berlengas

Na passada sexta feira dois jovens comerciantes alemães da praça de Lisboa resolveram ir de automovel até Peniche, onde alugaram um barco para ir até ás Berlengas. Demoraram-se a visitar os pitorescos ilheus e quando quizeram regressar não puderam fazê-lo, devido á violencia do mar, que até agora os impediu de virem para Peniche. Resolveram, por isso, acolher-se á hospitalidade do faroleiro, e aguardam que serene a furia dos elementos para voltar a Lisboa, onde a sua ausencia chegou a causar certa preocupação.

UM VETERANO DA AVIAÇÃO

O piloto alemão n.º 3

chegou a Lisboa para organizar

a aviação sem motor no nosso país

A bordo do paquete «Madrid», chegou a Lisboa um dos mais ilustres veteranos da Aviação europeia. Basta que se diga que foi o terceiro piloto alemão diplomado. Trata-se de Joe Hans Schoene, um homem de 42 anos, que, tendo feito toda a guerra na frente ocidental, se dedicou, anos depois da paz, á Aviação sem motor, de que foi um dos pioneiros.

E' precisamente a aviação sem motor que o traz a Portugal:

—Venho estudar, procurando colaborar com o Aero Club de Portugal e com a Junta de Educação Nacional, as condições portuguesas para a organização do vôo á vela.

Antes de entrar propriamente no assunto, pedimos ao capitão Schoene alguns dados biograficos. E assim soubemos que ele foi duas vezes abatido e ferido a tiro na guerra europeia, em que tomou parte como aviador de caça; que foi depois instrutor da Aviação naval alemã; que, terminada a guerra, foi experimentador duma fabrica de aviões, tendo sofrido, ao experimentar um novo tipo, um desastre que lhe fracturou as pernas em três sitios...

—Mas não faz mal. Continuei a pilotar, e isso é que é o importante...—diz-nos, sorridente, como pessoa habituada ao perigo.—Em 1920—ano que marca, verdadeiramente, o inicio do vôo á vela, fui para a região do Rhon, onde construi um planador com motor auxiliar—o primeiro. Todos os pioneiros realizaram ai as suas numerosas experiencias. E, ao fim de tantos trabalhos, as indicações da experiencia levaram-nos a todos (como aconteceu com o autogiro), a regressar á ideia inicial: o planador sem motor. Depois —de 1924 a 1931—estive no Brasil, sendo o piloto n.º 9 do Aero Club Brasileiro. Membro da Federação Aeronautica Internacional e apaixonado de tudo quanto diga respeito á Aviação, trabalhei, durante toda essa epoca, com a maior intensidade, e colaborando com camaradas de todos as nacionalidades; brasileiros, norte-americanos, ingleses, franceses. Nós, aviadores, constituimos uma grande familia, alheia a todas as disputas e intrigas internacionais. E é com esse espirito que venho procurar trabalhar em Portugal, certo de que serei aqui recebido como em toda a parte. De resto, os portugueses com quem falei na Alemanha, desde os representantes consulares ao engenheiro Varela Cid—que no Rhon já voou duas vezes em planadores alemães, realizando excelentemente as suas provas—ao engenheiro Lima Basto que está estudando a construção de aviões, etc.

—Tenciona demorar-se muito tempo no nosso país?

—Venho sem prazo fixado. Já por três vezes passára em Lisboa, tendo ocasião de verificar as admiraveis condições que, por exemplo, a Costa do Sol tem para o vôo á vela, devido aos ventos constantes—aos ventos cuja falta é a unica contrariedade para a aviação sem motor na Alemanha.

—Trouxe algum exemplar de planador?

—Não. Trouxe apenas os planos, facilmente executaveis em Portugal. Mas, antes disso, tenho de estudar, cuidadosamente, a força normal dos ventos, as condições gerais, para saber quais são os tipos que melhor convem qual a madeira a empregar, etc. Como sabe, tudo isto varia de país para país.

O capitão Schoene—que é piloto de todas as categorias, com motor e sem motor—depois de regressar do Brasil, esteve instruindo na Alemanha diversos alunos-pilotos chineses, um dos quais—o capitão Wang—fez, numa avioneta de «sport», o vôo Berlim-Pequim, completamente só. E foi igualmente instrutor de vôo á vela dos alunos do Instituto Tecnico de Weimar, em companhia do grande «az» Achilles. Uma das coisas que muito lhe interessa e entusiasma, é instruir pelo vôo á vela a juventude universitaria portuguesa. O famoso aviador trás uma corôa oferecida pelos aviadores alemães de «sport», para depôr no tumulo de Placido de Abreu:

—Conheci-o em Vincennes. Falei com ele apenas alguns minutos mas o que lhe ouvi e o que vi foi o bastante para verificar que se tratava dum grande piloto, dum aviador completo.

Falando da missão que vai desempenhar em Portugal, disse-nos estar convencido de que, tanto as autoridades como o Aero Club compreenderão a enorme utilidade que haverá em desenvolver a aviação sem motor:

—De futuro, estou convencido de que, em todos os paises os aviadores começarão pelo «vôo á vela», exercicio admiravel, não só debaixo do ponto de vista desportivo, mas para preparar, duma forma agradavel e economica, os novos pilotos, habituando-os ao ar ás correntes atmosfericas, aos choques de vento, e até ao espirito de camaradagem, visto que o vôo á vela é uma coisa que demanda colaboração, associação de esforços. De resto, trata-se dum exercicio onde quasi não existe o perigo, desde que haja cuidado e os necessarios conhecimentos. Um aviador que se largue num avião com motor pode logo encontrar a morte. Num planador, se souber muito e as condições forem favoraveis, sobe muito e desce normalmente. Se souber pouco, o que lhe pode acontecer é subir pouco e aterrar logo a seguir... Assim se explica que, por exemplo, na Alemanha, a par de centenas e centenas de rapazes, haja muitas dezenas de raparigas que já praticam, regularmente, a aviação sem motor.

AVIZ HOTEL — 5 Oclock de domingo

Ragna Kallgren auxiliada pelas suas ajudantas demonstrará durante o "chá„ a forma perfeita de as senhoras tratar da pele, e especialmente evitar as rugas, corrigir as mesmas, selecionar os tons de pó de arroz, e os cremes, para constituir a perfeita„ Nuance„ para cada côr de "Toilette„, de dia, e muito especialmente de noite.

RAGNA KALLGREN — Diplomada de Elizabeth Arden, explicará os seus processos e dará consultas no Aviz 5 Oclock de domingo proximo.

A orquestra do Aviz executará os numeros mais modernos de Fox, Tangos, Rumbas, etc.

Marcam-se mezas pelos telefones 4 8101, 4 8102 ou 4 8103

BREVEMENTE:
GEVALUXE
A GRANDE NOVIDADE EM FOTOGRAFIA

O PLEBISCITO DO SARRE E AS RESOLUÇÕES EE GENEBRA

A S. D. N. organiza

o policiamento do territorio

LONDRES, 7. — A decisão de enviar para o territorio do Sarre uma força internacional, antes e imediatamente depois do plebiscito, foi bem recebida, não só em Inglaterra como em todo o mundo. Os receios de possiveis disturbios naquele territorio, com todas as suas inevitaveis repercussões internacionais, dissiparam-se completamente e a atmosfera politica da Europa melhorou consideravelmente. A atitude conciliadora das duas nações mais directamente interessadas no plebiscito muito contribuiu decerto para este estado de coisas. A atitude assumida pelo Conselho da S. D. N., absolutamente disposto a chamar a si todas as responsabilidades na garantia da ordem no territorio do Sarre, veio dar maior prestigio áquela assembleia e é considerada como uma das mais brilhantes vitorias da diplomacia internacional. A iniciativa tomada a tal respeito pela Inglaterra foi aceita pela França sem qualquer atitude de indecisão, e o ministro francês, Laval, não pôde esconder a sua repugnancia por qualquer acção unilateral tomada pelo seu país, no que foi altamente auxiliado pela opinião publica francesa. E' inegavel que a situação presente veio dar um grande prestigio á autoridade da Liga das Nações. — (Havas).

LONDRES, 7—Os pormenores para a organização da força internacional, a constituir por ocasião do plebiscito, são neste momento estudados por varios peritos militares reunidos em Genebra. As tropas inglesas necessitam apenas de uma semana para marchar para o Sarre, mas julga-se que não entrarão em funções antes do Natal. A decisão do governo italiano em cooperar com a força internacional foi bem recebida em Londres. Contingentes de todos os paises, mesmo daqueles que se conservaram neutros durante a guerra, farão parte da força internacional.—(Havas)

A atitude da Inglaterra

LONDRES, 7.—Todos os jornais comentam elogiosamente a atitude da Grã-Bretanha a proposito da questão do Sarre. O «Daily Telegraph» escreve: «Ha indicios que não podem enganar, de que o governo inglês começa a convencer-se de que a paz da Europa só pode ser assegurada, se nela existir uma Inglaterra forte, pronta a dar a sua cooperação á segurança do Ocidente, como participante na obra empreendida pela S. D. N.».—(Havas).

LONDRES, 7. — A proposito da atitude do governo inglês na questão do Sarre, o «Daily Herald» escreve: «Se a lição desta semana fôr bem compreendida, pode ser decisiva para o futuro da paz». — (Havas).

Comentarios italianos

ROMA, 7. — Os circulos politicos italianos mostram-se muito satisfeitos com o acôrdo que se realizou ontem em Genebra relativamente á utilização no Sarre de forças militares internacionais para assegurar a boa ordem durante o plebiscito. A decisão é interpretada como indicio de que a obra geral de corporação entre as nações europeias volta a ser um facto. — (Havas).

Arrastado pela corrente

ARCOS DE VALDEVEZ, 7. — Quando ontem passava a cavalo o pontão sobre o rio Vez, em direcção a esta vila, caiu á agua, sendo arrastado pela corrente, Manuel Rodrigues, de 17 anos, cujo cadaver apareceu hoje.

Lanches para casamentos
PATISSERIE VERSAILLES

Suplemento literario ao n.º 4332 do

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor:
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO — Rua do Ouro, 87, 2.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273
Endereço telegrafico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Tem um tesouro em verso, um milhão de rimas em circulação, uma chuva de estrelas no ceu de Coimbra e uma linha avoenga que ele conta como os astronomos as estrelas da via Lactea. Ama o que é brilhante, pulcro, aristocratico, helenico, lusiada, cristão e catedratico.

Ressuscitou Policrates para lhe oferecer o seu perdido anel.

—Como o achaste?—preguntou-lhe o rei trucidado pelo destino.

—Fi-lo com o meu engenhio e arte...

—Nesse caso, guarda-o para ti que é sangue do teu sangue e inspiração da tua Musa peregrina.

Depôs-lhe um beijo na fronte e desapareceu.

Com Belkiss, rainha do Sabá, passou-se o seguinte. Constando-lhe—no sarcofago de pórfiro—que um poeta cantára divinamente a sua viagem e a sua paixão, ergueu-se e mandou-o vir á sua presença.

—Lê-me o teu poema, que quero ressurgir em ritmo e beleza!

O poeta executou-se. Belkiss fixou-o com o olhar orvalhado de saudades e disse-lhe:

—Devo-te nova vida, por favor da tua lira. Mas quizera dever-te a morte, para dar um rival a Salomão.

ESTE SUPLEMENTO NÃO PODE SER VENDIDO EM SEPARATA

Ilusão ou realidade?

Nunca devemos esquecer os mestres, quando neles passou um sopro, um breve effluvio duma manhã ou dum crepusculo do Universo. Existe em nós uma verdade? Pois então voltemos atrás e interroguemos sobre ela os mortos que, sob as frias lousas, repousam nas cinzas dos seus ideais. Ha pouco disse-se pela boca dum jovem, de muitos jovens:

— Anatole France desactualizou-se!

Houve quem fosse mais ousado e negativo:

— Anatole France é inutil como a voz sumida dum ceptico e dum sofista.

Que devemos pensar destes juizos proprios duma geração que se acha enorme para negar e mesquinha para realizar? Deixemos passar o tempo e depois de ele reduzir a pó os idolos e os iconoclastas procuremos nas ruínas o que merece a nossa confiança e o nosso respeito.

Anatole France viveu dentro duma época e de certas ideias que lhe pareceram destinadas a construir uma obra.

Serviu-as com a sua arte, a magia sem par do seu estilo, a sensualidade gracil dum pagão não de Atenas, mas de Alexandria, o sorriso faunesco da sua ebriedade profana, a graça, o espirito e a sua impiedade voltaireana. Viu o mundo por um ou dois aspectos, escapando-lhe outros que as palpitações do seu estro desdenharam.

Foi Nietzsche, e antes de Nietzsche os filosofos matinais da Helada, que disseram que o giro das cousas se desenvolve circularmente: começa num ponto, descreve a circunferencia e volta ao ponto de partida. Os vôos do genio humano vão-se alargando e o compasso traça-lhe ambito maior. Mas sempre em rota circular.

Anatole France—verdade, emoção, perfeição e conquista dum seculo—está agora na zona crepuscular—de costas para o sol. Um dia, e talvez mais depressa que se supõe, reentrará na luz, reactualizando-se, revestindo-se do prestigio e do fulgor que a materia cosmica nunca perde, mesmo que derive seculos pelo espaço, envolta em sombra e silencio.

Enquanto não renasce ou não ressuscita, nós os que estamos colocados entre o que foi e o que ha de ser, o passado que se despede e o futuro que ascende, aproximemo-nos dos varões illustres e, folheando os textos que nos legaram calculemos, com a devida veneração, a que distancia espiritual paira o seu vulto.

Eis um dever que nos importa cumprir, porque vai nele um preito á morte e á vida — á morte que é resignação e a vida que é inquietação e progresso.

■

Quem, leitor devoto de Anatole, não conhece o ondulante e melodioso prefacio de *Les Noces Corinthiennes?* Existe nele uma lição a fixar ou uma sedução a combater? A filosofia amavel e renanista que o inspira anoiteceu já ou madruga ainda? Leamo-lo com atenção:

— *«Neste meu livro, toco em cousas grandes e delicadas — as cousas religiosas. Refiz o sonho das idades da fé, embalando-me na ilusão das vivas crenças. Careceria excessivamente do sentido da harmonia, se tratasse sem piedade do que é piedoso. Voto ás cousas santas respeito sincero. Sei que não ha certeza fora da ciencia. Mas sei tambem que as verdades cientificas só valem pelos metodos que a elas conduzem e que esses metodos são inacessiveis ao comum dos homens. Crêr que a ciencia venha um dia a substituir a religião, é um pensamento pouco cientifico. Enquanto o homem beber o leite da mulher, ele será consagrado no templo e iniciado em qualquer misterio divino. Divagará. Que importa que o sonho seja mentira, se fôr belo? Não está no destino dos homens mergulhar em perpetua ilusão? E em tal ilusão não se cifra a propria condição da vida?».*

São estas as palavras do mestre mal traduzidas, certamente, embora sentidas na sua purissima beleza. O importante, porém, consiste em apreender o ensinamento nelas contido: 1.º, só é verdadeira a verdade cientifica; — 2.º, os metodos cientificos são inacessiveis e impraticaveis para o grande numero; — 3.º, a ciencia nunca poderá tomar o lugar da religião; — 4.º, a religião, posto que sonho ou ilusão, será eterna companheira do homem, visto ser bela, e a essencia da vida consistir em aparencias enganosas que se sucedem umas ás outras.

■

La Rochefoncauld, numa das suas maximas, avisa-nos de que tudo tem um berço, um clima, um torrão em que desabrochou. A filosofia de Anatole rompeu e floriu, entre duas guerras — a de 1870 e a de 1914. Corresponde a um periodo em que a felicidade, sob a forma de vida facil, comoda e barata, desceu das nuvens, implantando-se na terra. A existencia tornou-se paradisiaca.

Qual o destino dos paraísos?

Todos nós o sabemos — duram tanto como as rosas de Malherbe. O homem não pode habituar-se á felicidade: a sua condição exige que ele transite da ventura para a dôr, aliás acontecer-lhe-á o mesmo que a algumas abelhas que, por amor ao favo que fabricaram, expiram junto dele.

Anatole France, sem dificuldades nem turvações, cauteloso contra as surpresas que perturbam a curiosidade do sábio e o goso do estéta, distinguindo admiravelmente o prazer que nos satisfaz da paixão que nos perturba e degrada, defendeu-se habilmente de ruídos vãos, isolando-se na paz saborosa e dôce do seu egoismo literario, criando a sua cidade de Quimeras e de Aspasias, com a devoção paciente e erudita dum alexandrino que desenterrava as lindas formas adormecidas, reanimando-as com o calor fulgido da sua imginação parcimoniosa e pulcra, como a corrente de Illissus.

A religião não lhe dizia nada como facto de sensibilidade: deixava-o frio, indiferente e quando muito atento ao drama simbolico que nela se representava.

Problemas? Torturas? Ansiedades? Duvidas? Angustias?

O autor de *Thais* repelia tudo isso, com o gesto de quem prefere saborear um licor de raça bebido em calice lavrado por qualquer artista desconhecido e subtil.

—«O' Musa, de labios frescos e beijos candidos, incita e mata a sêde que a inspiração me ateou no seio!».

Qual a melhor atitude para o *jouisseur* que não descobre nem fareja no misticismo a vibração ardente do desejo? O cepticismo elegante, o diletantismo precioso, a romagem da abelha atica que vai de flôr em flôr, de bonina em bonina, sem deixar de zumbir e extrair a substancia que enriquecerá a colmeia.

Renan ,antes dele, escrevera a historia das origens do Cristianismo, como se Jesus fôra uma neblina rosea que surgira á vista alucinada dos pedintes e dos cativos, para logo se ocultar, diante dos milhões de suplicas que se elevaram até o ceu. Um e outro ignoravam que Jesus não era uma visão extatica, mas sim uma mensagem concebida e transmitida por Deus ao sofrimento humano.

O Evangelho, se brotasse duma ilusão, esta seria mais historica que a historia e mais acontecida que todas as realidades terrenas. O Calvario não foi uma metafora, um delirio sonhado sobre uma campa, uma revivescencia das lagrimas choradas nos universais ergastulos, mas sim um acontecimento desenrolado em plena luz— tão vasto e profundo que as doutrinas e as opiniões quedariam sob ele, com as areias no mar.

Anatole France, se acaso os fados determinassem que ele, em vez de ser um tranquilo especialista de sensações gostosas, de gravuras e quadros raros, de colos graciosos e liberais, entrasse no *post bellum*, com a sua ingenuidade e o seu culto do sucesso, não escreveria o prefacio de *Les Noces Corinthiennes,* pois seria obrigado a optar entre o «sim» e o «não» em materia religiosa, dispensando-se de sorrir com bondosa ironia. O mundo — os restos tumultuarios de mundo, bem entendido — que escapou á tremenda tragedia da guerra não consente que nós cruzemos os braços ou nos encerremos em solitaria Torre de Marfim.

E' necessario escolher, entrar na tormenta, lutando com a pena, pondo-a ao serviço não de temas vagos ou abstractos, mas de causas dignas e fecundas nas suas promessas. Acaso alguem que se prese de civilizado ousará datar a su existencia dum ano que já foi ou dum ano que ha de vir, a fim de se livrar dos incomodos em que sempre incorre quem se arrisca á passagem nas trincheiras?...

Segundo Anatole, a ciencia é uma selecção, uma aristocracia para os ermitas que a cultivam. O povo não participa dela, directamentet: fica ao longe, como a turba em roda dos misterios da Eleusis.

A ciencia e arte de governar, cada vez mais dificil e complexa, dados os problemas a resolver e as necessidades a satisfazer, é-lhe tambem campo vedado ou obstruido. A democracia não penetra nesses dois senhorios reservados aos eleitos.

Visto que a verdade, ao contrario do maná que caía para todos os hebreus, se restringe a minorias, que resta ao povo?

Uma ilusão, uma perspectiva mentirosa, o farrapo duma tunica abandonada pelos principes. O Ceu seria assim um pano cenografico pintado por engenhos simultaneamente piedoso e diabolicos. Os simples e os humildes, que já na *Republica* de Platão dispunham de curtas ambições para não embaraçarem a teoria dos poderosos, considerar-se-iam votados ao Infinito, como as crianças ás lendas e ás miragens.

O intelectualismo conduziria a resultados identicos aos do despotismo: para um lado a *élite* triunfante, para o outro a turba misera e credula. Consoante esta interpretação da consciencia religiosa, Jesus, cuja personalidade a critica encara como o maior fulgor que se conhece, trabalharia antes para encarcerar que para redimir as nações.

Porque não havemos de admitir, de acôrdo com a historia, a razão e a revelação, que a religião não é negocio de Cesar nem apoteose mundana de qualquer Cresus? Conceder-lhe o favor de que Anatole France a reputa merecedora repugna á sua essencia e á sua economia.

Não importa que, em dados momentos e em dados povos, ela sofra declinios e algumas vezes traduza os lampejos de barbaries insofridas. Consagrada aos homens, estes tentam medi-la pelas suas desvairadas cubiças. Inegavel, porém, que el lhes marca as infindas trajectorias, desde as suas primeiras incertezas.

Nas crises formidandas em que lhes surgiu diante dos olhos o dilema — «ser ou não ser», ditou a religião a lei da vida. A sua presença na historia traça-lhe uma evolução, na linha da maior espiritualidade. A força nega-a, esmaga-a, tritura-a, reduzindo-a a pó e declarando-a crime publico. A violencia não consegue vencê-la, porque os instintos rompem cadeias e grilhões. Quando uma classe aspira a aproveitar-se dela para cimentar o seu predominio, degrada-se e corrompe-se.

Convertê-la em magro pão de pobres, consolação precaria dos tristes e falso viatico de parias — a ilusão benefica de Anatole France — equivale a desfeiá-la e desfigurá-la, dizendo:

— Eis a mentira que salva!

4-XII-1934

J. MANSO

DOIS INEDITOS DE ANTONIO PATRICIO

TEODORA

imperatriz de Bysancio

(Excerto)

Palacio Sacro. Uma sala do gyneceu imperial

THEODORA

Ouve, Anthimo. Ha uma sala no Palacio Sacro, uma sala levissima que gira á brisa marinha dôcemente. E' duma madeira aromatica mui rara. As tapeçarias vagas que a revestem são todo o fabulario das estrêlas: Andromêda, Cassiopeia, as Pleiades, e o Lião do Ceu, que num crepusculo de lua, em lassitude, vai matar a sua sêde á Via-Lactea... E' muito alta a sala. Nas janelas, só alguns dómos de Constantinopla, os de Santa Sophia, dos Apostolos, a architrave da Acrópole com

Antonio Patricio

seus frisos, bosques agora purpura de outono, e os cimos dos mastros dos navios, já nos longes do mar,—vêm enquadrar-se.—E' lá que é bom scismar: escuta, escuta... E' á boca da noite que eu mais gosto. O vento amaina, cai como em deliquio. Vou sem séquito, sósinha: vou comtigo. Até á sala alta, os corredores são dia e noite iluminados por carbunculos. E não encontras ninguem: tudo deserto. Eu mesma afasto veus, tapeçarias. A hierarchia aulica sumiu-se. No cerimonial que eu amo tanto, houve um eclipse. Vamos nós sós, Anthimo: ninguem mais. *(Mais baixo, aveludando a voz)*. Levo os versos de Paulo o Silenciario. Bysancio, o meu imperio, é um echo em mim. Estendo-me no chão. Constantinopla é o rumor do mar num buzio curvo. Começo a lêr devagarinho os versos. O sentido dilue-se: só palavras. Palavras encantatorias como joias, como certas joias que eu possuo. O vento do mar de Mármara e o do Bosphoro, como duas panteras invisiveis, duas panteras de basilissa, familiares, aceleram o gira pouco a pouco. E eu deixo de vêr. Noite fechada. Nas janelas agora nada surge. Tudo se faz incorporeo como nós. Já não ha consciencia. E' só o extase. O gravitar das almas no silencio. *(Pondo-lhe as mãos nos ombros)*. E' uma vida de estrela a que vivemos... *(Pára segundos)*. Verás, Anthimo: hei-de lá levar-te.

ANTHIMO

baixo, com uma devoção em que ha terror

—Tu não és de Chypre nem da Syria. E's de mais longe. Ha em ti o Oriente dos fakires. E's a luxuria, Basilissa: és a luxuria...

O poema de Eyúb

Tenho saudades d'Eyúb...
Da cidadezinha-cemiterio
a subir as ruas da colina,
dos ciprestes com ninhos de cegonha,
das stélas sem «fez», dos turbantes em ruina.
Pé ante pé, como se fôsse um crime,
tu entravas, de palpebras cerradas,
no patio sombreado da mesquita.
Na fonte ritual, de marmores rosados,
com inscrições de sonho, a malaquite e l'azzuli,
faziam-se, em silencio, as abluções:
caíam com preguiça as folhagens dos platanos,
no mosaico do chão estremeciam pombas.
Ao pé do tumulo dos derviches santos,
erguia-se, a sorrir, o nosso perfumista.
E no teu «sac-à-main», em vidros fasciados,
o genio dos jardins que ninguem visitou
e um velho nos vendeu em tardes de setembro,
dormia entre cartões e o teu «baton de rouge».
Corriamos Eyúb em todos os sentidos:
ruas de mausoleus arrendadas de acacias,
—fumavamos ao sol, nos marmores partidos—;
havia um ar de além narcotizando tudo:
os vivos que passavam como mortos,
o Corno d'Oiro, ao longe, esfumado e de vidro.
Nenhum de nós falava.
E porosa á tristeza, a tua argila slava
Impregnava-se, bebia a vida em torno,
para ma dar depois em luxuria e em sonho.
No cimo da colina,
era a velada imensa dos ciprestes.
Voltavamos então, a fitar Stambul,
reconhecendo cada dómo, os minaretes.

E cada minarete, á voz do «muezzin»,
era um caule a florir, em orações, no ar.
Arrefecia um pouco: e nós os dois, descendo,
colados e com ritmo, entre calhaus rolando,
saíamos enfim do cemiterio imenso.
Os mortos, em Eyúb, adormeciam todos...
A' colina violacea, as cegonhas voltavam.
E o opio da terra mussulmana
doria tudo numa paz sem nome.

Ao pé do embarcadoiro,
olhando a agua, a goles muito lentos,
bebiamos café que um «cafeji» trazia.
E na penumbra glauca, as medusas bailavam:
Venus, ao fundo, era no golfo um calix d'ouro...
E ainda os nossos olhos a fitavam,
quando, em barco de sombra, o vapor atracava,
e sem ruido, a gente turca se escoava

Oh! A volta, oh! a volta,
na agua espessa de noite, em dezenas de escalas,
até tocar por fim na ponte, em Stambul.
Nós iamos os dois como que entorpecidos,
sem um só movimento, enluvando os sentidos,
como a dizer adeus ás coisas que passavam.
E passava o Phanar côr de sangue coalhado
(o sangue de Bysancio a crepitar na tarde),
miserrimos jardins com um minarete pobre,
(aonde vai rezar um «muezzin» em farrapos),
e que é como um pombal, como o pombal deserto
de que o genio d'Allah fôsse a universal pomba.

Ah! Deitai-vos, deitai-vos...
Dormi nos contrafortes das mesquitas,
minaretes d'Eyúb e de Constantinopla:
da Sulimanié e de Santa Sofia,
todos vós, todos vós: adormecei: deitai-vos...
Devagarinho: ha nevoa já: ninguem nos vê...
Como os mortos d'Eyúb, adormecei. Silencio.
Se houver estrelas, é mais tarde. Adormecei.

OS MELHORES BRINDES PARA SENHORAS E MENINAS

Tratado Completo de Cosinha e de Copa

por **CARLOS BENTO DA MAIA** — O melhor, mais compreensivel e completo publicado em Portugal

1 grosso volume brochado 30$00 — Encadernado 40$00

Pelo correio á cobrança, mais 3$00

ALBUM DE MENINA E MOÇA

Agenda de lembranças com as mais lindas poesias dos melhores poetas portugueses e brasileiros — 1 volume enc. 12$00

Pelo correio mais 2$00

Livraria Editora Guimarães & C.ª — R. do Mundo, 68 — LISBOA

À proposito

dos "Elementos de Historia de Portugal»

Bilhete de Alfredo Pimenta a Norberto de Araujo

Ex.mo Sr.:—E' v. ex.ª, dos meus adversarios, o primeiro que julga, em publico, que eu saiba, os meus *Elementos de Historia de Portugal*.

Nenhuma outra voz se ergueu; nenhuma outra pena se manifestou. E' v. ex.ª o primeiro, e fê-lo com correcção, com dignidade mental, porque se mantem dentro da impessonalidade indispensavel.

E' assim que se devem julgar obras da natureza da minha. E' assim que eu tenho apreciado as dos outros.

A critica de v. ex.ª é, porém, muito á flor da pele: mais uma impressão do que critica; mais uma sentença sintetica do que uma apreciação analitica. Não me provocaria ela qualquer especie de atitude publica, se v. ex.ª não tivesse formulado uma especie de acusação, quando cita o facto de eu ter dito que as 1.454 pessoas condenadas á fogueira, em 192 anos não é coisa de fazer arripiar ninguem se repararmos em que a Revolução francesa, por exemplo... em quinze meses, vitimou em toda a França, um minimo de 12 mil pessoas»; quando cita o facto de eu não condenar a censura inquisitorial; quando cita a minha opinião sobre a acção de Bartolomeu Ferreira como censor dos «Lusiadas», e sobre os cortes que sofreu Gil Vicente e o «Cancioneiro» de Rezende.

Acusa-me ainda v. ex.ª: «na historia do seculo XVII e XVIII chega por vezes a «inverter».

Não me furto a discutir o meu livro com quem me apareça de bôa fé, e disposto a manter-se dentro do campo estricto do meu livro. E porque v. ex.ª me julgou com correcção, embora severamente, venho dizer-lhe isto:

Antes de apreciarmos a minha opinião sobre a Inquisição, sobre a censura de Bartolomeu Ferreira, sobre os córtes que atingiram Gil Vicente e o «Cancioneiro» de Rezende, discutamos: 1.º) se as 1.454 pessoas condenadas á morte, em 192 anos (sete pessoas por ano: no meu livro, saiu, por lapso, cinco) são mais ou menos do que as condenadas á morte pelos tribunais regulares do nosso tempo—pondo eu de parte, como v.ex.ª vê, a Revolução francesa que é motivo de exaltação e diversão; 2.º) se os «Lusiadas foram ou não prejudicados pelo lapis de Bartolomeu Ferreira; 3.º) se os passos eliminados na «Obra» de Gil Vicente e no «Cancioneiro» de Garcia de Rezende, na verdade, deformaram ou não essas obras.

Isto só se pode discutir com textos á vista. Foi perante eles que formulei o meu juizo.

Depois, como conclusão, v. ex.ª dirá se é ou não verdade que os Estados contemporaneos exercem funções de censura intelectual, e se não é legitima a que dentro dos orgãos da Imprensa —jornais politicos, revistas literarias, revistas cientificas, etc.—exercem os seus respectivos directores responsaveis.

Se nesta discussão v. ex.ª me convencer—e creia que perante provas objectivas, sou a pessoa mais convencivel do mundo—se v. ex.ª me convencer, dou a mão á palmatoria, e concordarei na severidade com que v. ex.ª se opõe a que o meu livro seja usado nas escolas secundarias do meu país.

Agradecendo a v. ex.ª o que de amavel escrevo sobre os meus «Elementos da Historia de Portugal», sou de v. ex.ª com toda a consideração—*Alfredo Pimenta*.

Bibliotecas Municipais de Lisboa

Manteve-se em novembro a elevada afluencia que se tem registado nas quatro bibliotecas municipais, actualmente a funcionarem com leitura gratuita de dia e de noite, pois atingiu o numero de 6.823 leitores, distribuidos assim: Biblioteca Central (Palacio Galveias), no largo Dr. Afonso Pena, 1.214; na do 2.º bairro, ao Desterro, 1.520; na de Alcantara, 1.745; e na do Poço do Bispo, ha pouco inaugurada e instalada no Palacio da Mitra, 2.344.

Regista-se, assim, o interesse crescente do publico pelas suas bibliotecas municipais. interesse a que a comissão administrativa do Municipio e a Inspecção das suas bibliotecas correspondem enriquecendo e actualizando o recheio bibliografico destas Bibliotecas, do que é prova a existencia actual, que anda por 72.000 volumes e que em 1930 não passava de 24.593.

O horario nas quatro bibliotecas continua a ser das 11 e 30 ás 16 e 30 e das 20 e 30 ás 22 e 30 horas, em todos os dias uteis.

Pagina de critica literaria

Por falta de espaço não publicamos hoje a nossa habitual pagina de critica literaria.

Comentarios

Helen Grace Carlisle, que nasceu para a literatura com o livro Mother's Cry, *viveu primeiro antes de escrever. Lutou para ganhar o seu pão. Viu o sofrimento, a fome, a dôr de ter uma ideia e de não poder exprimi-la, sentiu a tentação das coisas belas proibidas e o desejo de traduzir o sonho que a aquecia e devorava. Conheceu os hospitais, as prisões, os asilos, a tortura das crianças, a fome, a luta sem esperança e as sugestões do demonio.*

—Porque não ha de o ar, o pão, a liberdade e a alegria repartir-se por todos os que possuem alma e coração?

A tradutora francesa do seu primeiro livro, Magdeleine Paz, fala-nos dela como duma criatura que mantem a frescura, a sinceridade e a espontaneidade dum temperamento que uma acima de tudo a verde—palpitante, amorosa e tragica. Graças ao seu talento, que a impôs subitamente á admiração do publico americano, conseguiu conquistar a celebridade, a fortuna e o direito a arrancar do seu corpo e da sua alma o romance admiravel, torturado e vitorioso que se intitula A sua mulher sou eu.

■

Dois poetas—dos verdadeiros e baptisados na fonte de Castalia—um chamado Alberto de Serpa e o outro José Rodrigues. O primeiro é autor de Varanda *(poemas), o segundo de* Parabola do meu Sonho. *Bem difreentes um do outro, mas irmanados no culto da eterna belesa. Entre tantos, tantissimos versos que se publicam em Portugal—lamentosos e lamentaveis, chorosos e choraveis, saudosos e enfermos—estes dois podem afirmar da sua musa:*

—Servimo-la com fé e amor!

No proximo numero do nosso «Suplemento literario», teremos ocasião de mostrar aos leitores do «Diario de Lisboa» que não exageramos. De resto a poesia, quando é verdadeira, não admite confusões: exprime-se tão limpidamente que a sua voz não se presta a imitações.

■

O artista Alvaro Canelas vai publicar um livro que se chama Disques, *escrito em França e em francês, cuja edição está a cargo da empresa «Momento». Tem pronto um album com trinta e sete desenhos respeitantes a Obidos cuja publicação será feita por inscrições, entre os amigos das artes e seus amigos tambem.*

Alvaro Canelas que ama as coisas portuguesas e os aspectos pitorescos e senhoris do nosso passado, interpreta-os com a sua emoção modernissima, mostrando como neles ha uma vida que se prolonga pelos seculos fora, sagrada pelas ingenuas crenças do nosso povo. Os seus desenhos sobre Obidos provam que esta vila e as suas muralhas continuam de pé e imortais.

■

Deve demorar poucas semanas o aparecimento da reedição da obra monumental de Julio de Castilho «Lisboa Antiga», e que se está a imprimir, por iniciativa da Camara Municipal, sob a direcção do mestre olisipografo Vieira da Silva.

■

Saiu o primeiro numero de «Gleba», semanario de literatura e de critica, da iniciativa de alunos da Faculdade de Letras. Colaboração séria. Um artigo na 1.ª pagina: «Um problema pedagogico», por Antonio Sergio.

Versos ineditos de João de Barros

HELADA

a Teixeira Gomes

Sortilegio, alegria eterna da Beleza,
Linhas de perfeição no extase do ar,
Imarcessivel luz de paz e de certeza,
Que na vida esculpiu seu frémito solar,

Eis que um barbaro vem do longinquo Ocidente
Depôr no teu regaço a rude inquietação...
— Quanta saudade ainda em seu olhar, doente,
Doutro amor, doutro clima e doutra exaltação!...

Quanto desejo ainda em seu anseio paira
Da sombra vesperal que o berço lhe envolveu,
— Lá onde o inverno duro a paisagem desvaira
E a pena de viver algum dia nasceu...

Quanta lembrança traz das palidas neblinas,
Do lento agonizar de transidos vergeis,
— Aqui, no fluido alôr das manhãs cristalinas,
Aqui, entre a manhã das verdades fieis....

Quanto gesto febril ainda nos seus braços,
Ebrios de veemencia e de paixão brutal,
—Aqui, no pleno Sol que, se alonga os braços,
E' só para abranger uma essencia imortal...

Lôdo, lama de outono a pesar-lhe na alma,
Noite, noite de gelo a que se abandonou,
Não o deixam fitar a madrugada calma
Que tanto apeteceu, que tanto procurou...

Olha em torno de si, e treme de enganar-se
Preso da antiga magoa e de obscuro torpôr...
— Não será a Beleza o radioso disfarce
De novo desespero e de secreta dôr?

Não será a Beleza o fechado horizonte
De quimeras pueris, que nem tentam voar?
— Céu que toca de perto a afaga a sua fronte
E' humano demais, não o sabe adorar...

Não o sabe adorar, na fragancia amoravel
Do imáculo fulgôr, do grande e casto azul,
E não ouve sequer — melodia inefavel —
Passar, cantar na altura uma colmeia exul...

Frisos e capiteis, estatuas e colunas,
Latejam no rumor dessa ardente canção...
E é como a voz do mar, ressoando pelas dunas,
A aérea, milenar e estranha vibração...

Todo um povo de Herois adeja sobre a terra,
E o ritmo que nos canta, e o sonho que te diz,
— Peregrino que vens da aventura e da guerra —
E' um ritmo sereno, é um sonho feliz...

A gloria de pensar madruga instante a instante,
A Justiça desprende a venda que a cegou,
E Prometeu, liberto, ergue na mão possante
O lume redentor que aos Deuses maus roubou...

Mais clara a nossa fé, mais abrigante a vida,
A esperança mais vasta, a força mais leal,
—E uma angustia viril, uma sêde insofrida
De plasmar em si-mesmo a esquiva forma ideal...

Beleza da verdade, insonsútil beleza,
Elo a elo tecida em teia de esplendor,
A imarcessivel luz da paz e da certeza,
E a alegria da Arte, irmã gemea do amor.

Tudo Beleza eterna, eterna arquitectura
Onde a alma se aninha e se queda a florir,
E onde a volupia queima a sua chama impura,
E do seu beijo faz um clarão de porvir...

* * *

Barbaro, tu que vens do confuso Ocidente
Adormecer aqui teu inquieto fervôr,
Respira este ar subtil, esta aurora contente
Que não pode mentir, fugir ao nosso amor...

Has de voltar um dia ao teu pais de bruma,
Ao tumulto do mal, á pena de viver,
Ao tédio que algemando as horas, uma a uma,
Uma a uma as desfolha, e as ensina a morrer...

Mas, ao menos, contigo esta doçura leva
Da indizivel visão que te acena e detem,
— Alvorada sem fim na tua imensa treva,
Teu perene consôlo e teu supremo bem...

Não a percam jamais teus passos desvairados,
Não a apague jamais o vento da ambição:
—Clareira matinal nos rumos transviados,
Em que Minerva acende os olhos, constelados
De lucida inocencia e limpida razão...

Dezembro 1934.

JOÃO DE BARROS

Comentarios

E. Levinas escreve o seguinte na «Revue Philosophique» a proposito da Phenomenologie:

«Apesar de ser dificil e arbitrario dividir um movimento filosofico em fases bem definidas, podemos distinguir na corrente fenomenologica três periodos. O primeiro, que corresponde aos iniciais trabalhos de Husserl, apresentava-se sobretudo como uma rehabilitação das essencias *que a intuição, a famosa* Wesenschau, *devia permitir que se descrevessem* em todas as suas «nuances». *E' a epoca das descrições fenomenologicas finas ou subtis.*

Ao realismo do primeiro periodo sucede um idealismo transcendental (Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie *de Husserl, publicado em 1913): o reino das ideias é recolocado na consciencia transcendental onde se constitue.* Os Problemas de constituição transcendental *propõem-se ao mundo ideal e real de que são chamados a esclarecer os fundamentos.*

Enfim, graças á sua obra Sein und Zeit, *Martin Heidegger inaugura uma terceira epoca—a da* fenomenologia existencial. *Fiel ao metodo de descrição fenomenologica, mas não menos preocupado com a dignidade filosofica do «sujeito», este pensador reforma a propria ideia do «sujeito» e concebe de maneira inesperada e original o fim da filosofia. O «sugeito» deixa de ser para ele a consciencia transcendental e puramente contemplativa de Kant ou Husserl—mas uma* existencia *concreta votada á morte e interessada no proprio fado do seu ser. Uma analise fenomenologica dessa existencia familiar com o ser que a preocupa, levar-nos-á a esclarecer o sentido da noção de ser. A pesquiza de tal sentido, a* ontologia, *eis a filosofia».*

A fenomelogia, que muitos consideram como a conciliação de Aristoteles e Platão, está destinada a largo futuro, visto que as chamadas correntes vitais no campo filosofico acham nela uma nova expressão e um novo significado.

■

Na série das recitas portuguesas do programa inicial do teatro Nacional de Almeida Garrett representaram-se originais portugueses desde Gil Vicente, Antonio Ferreira e Garrett, a D. João da Camara, Julio Dantas e aos autores modernos e representativos da tecnica nova.

E' curioso verificar que o publico na literatura teatral não se preocupa com idades nem com escolas. Prefere o que reputa «bom» e é notavel que acerta quasi sempre.

Tambem o publico não parece fazer depender o seu agrado exclusivamente da interpretação; é o «espirito» da peça e a sua beleza, que o levam ou não ao teatro.

Estaremos em presença de uma renovação da inteligencia do espectador, a caminho da justiça para os autores?

■

O pintor Picasso foi uma vez apresentado a um americano bastante rico, amavel, inimigo do modernismo, generoso e bastante gabarola.

—Na Alemanha, dizia ele, fui alemão, na Italia italiano, na Espanha espanhol, na Russia russo e na Turquia turco.

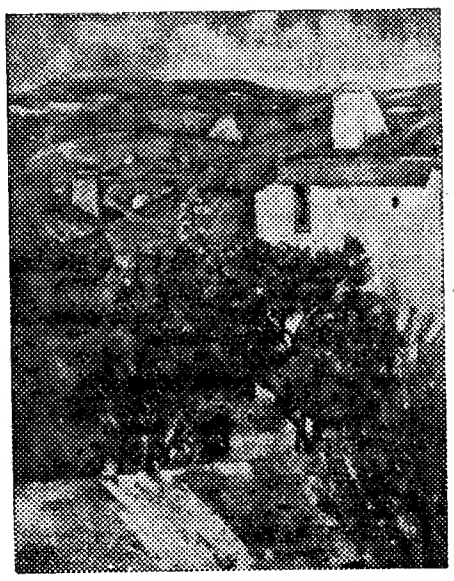
Picasso ouviu-o e depois virou-se para um amigo que lhe estava ao lado e segredou-lhe:

—Pobre homem, viveu com os originais, mas não passa duma tradução!

CORREIO AEREO

Utilizem a **AERO-PORTUGUESA** na expedição de correio para **Marrocos - Africa Ocid. Francesa** e **America do Sul**

Entrega da correspondencia: Hoje, das 8 ás 21 h., na Central dos Correios, R. do Arsenal (Guichet proprio)



«Paisagem», de Matos e Silva

VIDA ARTISTICA

Imagens do salão de Arte Moderna

na Sociedade Nacional de Belas Artes

A exposição de Arte Moderna, que tem já oito dias de existencia na Sociedade Nacional de Belas Artes, não é como já frizámos, um documentario completo das escolas, tendencias e valores individuais da chamada vanguarda estetica. Não contem gritos de revolta nem audacias frementes de destruição.

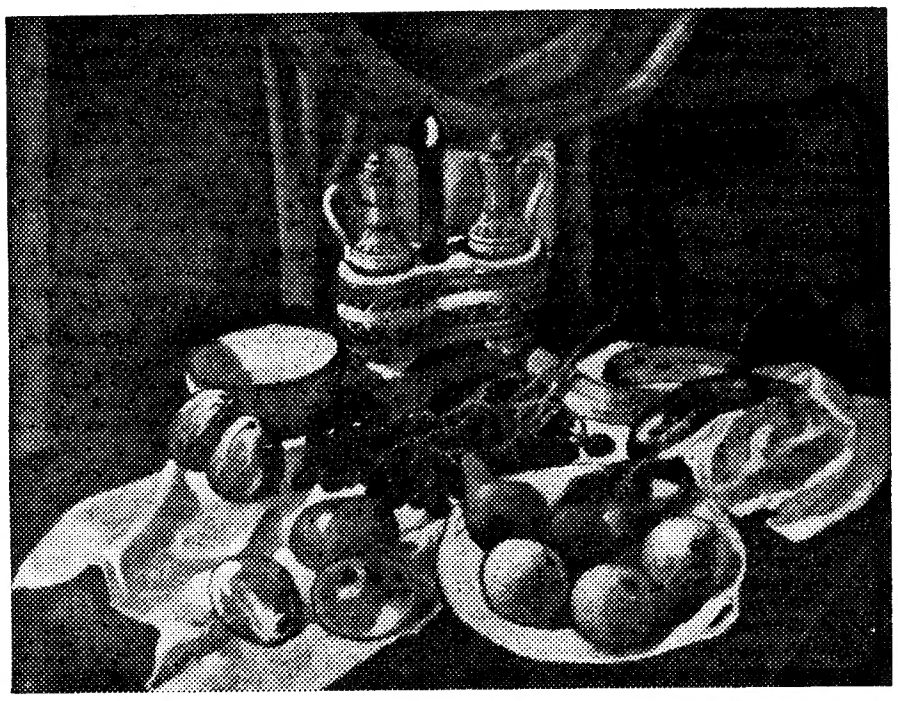
E' pacata, simples, pouco numerosa de obras, com certo equilibrio de valores tecnicos e uma uniformidade de colorido, que não irrita ninguem. A sua modestia é, talvez, a sua principal qualidade. Se não nos trás uma nova mensagem de belesa, tambem não empana os velhos canones escolasticos. Sente-se que o modernismo caiu na regra. Uma vez estabelecido o seu terreno, de resto não muito grande, mantem-se, e, docemente envelhece, naquele triste e soturno casarão de Barata Salgueiro. Não ha valores desmedidos, nem revelações que desflagrem como bomba de dinamite.

Ha ordem ali dentro, calma, fria, quasi o silencio das pinocoteias consagradas. Ora isto é mau. Se os artistas modernos, os que usufruem ou uzam essa etiqueta se imobilizam dentro duma vizão, duma maneira, sem exceder o passado,—a falange, organizada como está, quasi não tem razão de existir. Veja-se, por exemplo, ha umas boas dezenas de anos, numa epoca excessiva de convencionalismos, em que o classico estava ainda no gosto do publico, apesar de já não estar em forma, o que fez o nosso grande Columbano. Pequenino, insignificante de corpo, mas titanico de talento, ofrça empolgante de Sansão, ele abala e desmorona as colunas do velho templo da arte. Pinta ao contrario de todos os contemporaneos.

A sua paleta de verdes gangrenados, de negros bituminosos, desorienta. Columbano dentro da sua forma, cria-se, determina-se, ascende, e faz-se aceitar, como tal, sem transigir um centimetro com o meio. Eis um exemplo entre muitos, que aqui cabe bem, porque pertence ao quadro dos nossos valores nacionais.

Existe na Exposição das Belas Artes, alguma obra que traga a dedada ainda que informe dum verdadeiro criador? Não! Tudo tem a regularidade e a monotonia dum relogio. As horas estão certas. Dentro dum limite restrito, tudo é singularmente perfeito. O horizonte de 1934—é igual ao dos anos anteriores, quando a exposição, mais orgulhosa dos seus titulos que das suas obras se estadeava no mesmo local. Isto significa que os expositores, fixada a maneira, repetem-se, ou melhor, evolucionam tão lentamente, tão imperceptivelmente, que seria preciso inventar aparelhos especiais para registar esse movimento.

Que estas linhas de abertura, de resto inocentes de comentario, necessarias para provocar estimulos, não sejam consideradas como impertinencias de critica. O nosso intuito é servir os artistas, passando muito ligeiramente sobre os seus defeitos, para realçar, com exorbitancia de medida, as suas virtudes substantivas. A regra de catalogo ainda é a melhor. Abre ele com o nome de Abilio M. Silva, um artista de fina sensibilidade, que gosta dos tons ligeiros e finos, Mancha com beleza, ligando a natureza ao homem, e exprimindo, como raros, a poesia das nossas vilas humildes, de ruas silenciosas, casas velhas, e um ou outro tipo, de linhas donairosas, como essas mulheres, que á volta da fonte, cantarinhas á cabeça, se reunem num *meeting* de graça e de frescura. Carlos Botelho, artista muito pessoal, ironico comentador da vida, cuja pintura acusa um traço caricatural—que não é só riso, mas tambem dôr—transmite-nos impressões diversas. Gostamos da variedade e fragmentação dos seus assuntos.

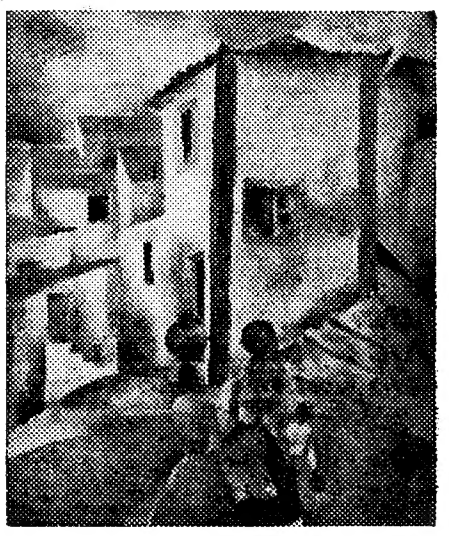


«Natureza morta», de Jorge Barradas

A *Lota* é gavarniesca. Tem projecção intima, zona misteriosa, sacode os nervos. está ali se não uma obra completa uma tentativa logica, a explorar como assunto plastico nacional.

Cascais é um quadro dum objectivismo pitoresco, pintado com excesso, num impressionismo que é realmente assim.

Uma senhora, esposa de artista: Clementina Carneiro de Moura. E' uma cronista deliciosa de Lisboa, dum alto valor poetico, embora, um pouco triste, o que de resto condiz com a alma desta velha cidade.



«Aguadeiras», de Matos e Silva

Não procura fazer bonitos, mas a realidade expressiva—a fisionomia das casas antigas, cujas paredes têm traços humanos, e sofrem, pensam, ressumando vida interior.

Dordio Gomes figura com um trabalho: *Pintura*, que é um retalho do Porto, cheio de ambiente. Outra senhora que se impõe: Estrela Faria, capricho de sensibilidade, que se traduz com brilhantismo, levando muito longe a sua tecnica. Dois estrangeiros: Ernest Leyden, representado por um nú, maravilhoso de estilo e Fred Kradolfer, com as suas paisagens, de tons tristes e baços. José Amaro tem um quadro curioso: *Çasas*, de intenção penetrante, realizado com segurança.

E vem Jorge Barradas, cada vez melhor dentro da sua maneira. Vê o assunto através da côr, que é sempre duma aliciante harmonia. Tons musicais, revestindo um geometrismo de forma que é tão moderno, como sugestivo. Julio Santos, o ultimo pintor do catalogo, marca a sua tecnica, fazendo-se admirar na *Paisagem*, de larga perspectiva e planos nitidos.

Na escultura, ha um belo busto, cheio de vida, de Reis Santos, assinado por Antonio Duarte, estatuas de Hein Smke, á maneira dos grotescos goticos, duas *cabeças* de Maria Ramos uma delas de rapariga, fresca e gracioso como um Carpeaux, e um baixo relevo de Barata Feio, onde o artista interpreta, embora com originalidade á maneira de Bourdelle.

Alguns elementos de arquitectura, e cartazes, de sugestiva publicidade completam esta interessante exposição, que o publico deve ver e admirar.

ARTUR PORTELA

«Casas», de José Amaro

«Cascais», de Carlos Botelho

EMBAIXATRIZ DAS LETRAS

CECILIA MEIRELES TROUXE-NOS NOTICIAS *da poesia brasileira*

Um excerto da conferencia que realizou ha dias no Secretariado da Propaganda Nacional

Cecilia Meireles

A distinta poetisa brasileira Cecilia Meireles realizou há dias, no Secretariado da Propaganda Nacional, uma interessante conferencia em que nos deu noticias da poesia brasileira.

Publicamos hoje um excerto desse notavel trabalho, acompanhado de alguns trechos. poeticos que serviram a ilustrar a conferencia.

●

Dar noticias da poesia brasileira, pareceu-me a melhor maneira de dar noticias do Brasil, que, até na mais notavel das suas obras—e educacional—tem obedecido a uma profunda orientação de alta poesia humana.

Em lugar de expôr as minhas opiniões sobre a evolução da poesia brasileira, desde os ultimos grandes mestres do passado até os representantes das varias tendencias das mais recentes gerações, preferi apresentar uma antologia capaz de pôr o publico em imediata comunicação com a sensibilidade e as intenções de cada autor.

Na impossibilidade de citar todos os poetas dignos de interesse, tive de reduzir as minhas noticias de todos á informação sumaria de alguns.

Pede-me o «Diario de Lisboa» um resumo desta conferencia, para me dar a honra de o publicar. A orientação nela seguida não permite a condensação da materia; e até me parece mais interessante trazer directamente a publico alguns dos poemas apresentados, por onde se poderá fazer aproximadamente uma ideia literaria do Brasil de hoje.

Os limites de tempo não me permitiram explicar largamente, na conferencia, todos os autores necessarios; obrigam-me, agora, os limites do espaço a nova redução. Os poemas que se seguem—não os escolhe o meu gosto, mas o destino que governa a vida de todos os homens, mesmo quando são poetas...

CECILIA MEIRELES

●

Toada do Pai do Mato (Indios parecis), de Mario de Andrade.

A moça Camalalô
Foi no mato colher fruta.
A manhã fresca de orvalho
Era quasi nocturna.
—Ah...
Era quasi nocturna...

Num galho de taruma
Estava um homem cantando.
A moça sai do caminho
P'ra escutar o canto
—Ah...
Ela escuta o canto...

Enganada pelo escuro
Camalalô fala pró homem:
Arití, me dá uma fruta
que eu estou com fome.
—Ah...
Estava com fome...

O homem rindo secundou
—Zuimaaluti se engana,
Pensa que sou arití?
Eu sou Pai-do-Mato!

Era o Pai-do-Mato!

●

Andorinha, de Manuel Bandeira.

Andorinha lá fora está dizendo:
—«Passei o dia á tôa á tôa!».

Andorinha, andorinha minha cantiga é mais triste!
Passei a vida á tôa á tôa...

POEMA DE FINADOS

Amanhã que é dia dos mortos
vai ao cemiterio. Vai
e procura entre as sepulturas
a sepultura de meu pai.

Leva três rosas bem bonitas.
Ajoelha e reza uma oração.
Não pelo pai, mas pelo filho:
o filho tem mais precisão.

O que resta de mim na vida
é a amargura do que sofri;
—Pois nada quero, nada espero
e em verdade estou morto ali.

●

De profundis, de Francisco Karam.

Venho de lugubres cavernas,
berços do vicio, pais da Miseria!

Andei nos antros e nas tavernas
bebendo as bôcas mais deleterias.

Irmão dos bruxos, pejei os ares
de torpes hinos, canticos tredos.

Fui como a ira, fui como os mares
sangrando a bôca pelos rochedos.

Vivi com feras, braços abertos,
peitos colados, labios unidos!

Beijei a areia pelos desertos
onde galopam genios perdidos.

Semeei as noites mais tormentosas,
ergui meu templo numa caverna!

Olhar de virgens meigas, formosas
Purificai-me! purificai-me!

Crença de humildes, ciencia eterna
iluminai-me!

●

Diamba, de Raul Bopp.

Negro velho fuma diamba
para amassar a memoria.

O que é bom fica lá longe...

Os olhos vão-se embora pra lona
O ouvido de repente parou.

Com mais uma pitada
o chão perdeu o fundo.
Negro se sumiu.

Ficou só uma fumacinha.

—Ai leva-me,-leva
e a fumaça tossiu:

Apareceu então uma tropa de elefantes enormes trotando
50 elefantes
puxando uma lagôa.

—Pr'onde é que vocês tão levando essa lagôa?
Tá derramando agua no caminho.
A agua do caminho juntou
correu, correu
fez o rio Congo

—Ai leva-me-leva

Aquele navio veio buscar o rio Congo,
Então as florestas se reuniram
e emprestaram a sombra pro rio Congo dormir.

●

Maria Flor, de Augusto Meyer.

Maria Flor, saltadeira de riacho,
o teu riso é a espuma clara da tua alma...
Quem fez as tuas mãos selvagens e morenas,
assim macias e pequenas,
as tuas mãos que roubam ninhos pelas moitas,
e jogam seixos loucos nos arroios,
e colhem os araçás molhados pela chuva?
Maria Flor...
E' como si eu mordesse uma pitanga...
Teu corpo faz sonhar com frutos bravos,
bacurís, bromelias, guabijus...
Quem fez teus olhos mandingueiros
teus olhos negros e melieiros, assim
meio não, meio sim,
e essa corôa selvagem de cabelos,
Maria Flor, e a espuma clara do teu riso,
e os teus labios com muito sangue, muito sangue?
(Ah! os teus labios devem ser como as pitangas...).

●

O mundo do menino impossivel, de Jorge de Lima.

«Fim da tarde, boquinha da noite
com as primeiras estrelas e os derradeiros sinos.
Entre as estrelas e lá detraz
da igreja,
surge a lua cheia
para chorar com os poetas.

E vão dormir
as dûas coisas novas desse mundo:
o sol e os meninos.

Mas ainda vela
o menino impossivel
aí do lado
enquanto todas as crianças
mansas
dormem
acalentadas
por mãe negra Noite.

O menino impossivel que destruiu
os brinquedos perfeitos
que os vovós lhe deram:
o urso de Nuremberg
o velho barbado yugo-eslavo
as poupées de Paris aux cheveux crêpes,
o carrinho português
feito de folha de Flandres,
a caixa de musica tcheco-slovaca,
o polichinelo italiano
made in England
o trem de ferro de U. S. A.
e o macaco brasileiro de Buenos Aires
moviendo la cola y la cabeza.

O menino impossivel
que destruiu até
os soldados de chumbo de Moscou
e furou os olhos de um Papá Noel
—brinca com os sabugos de milho,
caixas vasias,
tacos de pão,
pedrinhas brancas do rio...

«Faz de conta que os sabugos são bois...»
«Faz de conta...»
«Faz de conta...»

E os sabugos de milho
mugem como bois de verdade...

E os tacos que deveriam ser
soldadinhos de chumbo são
cangaceiros de chapóes de couro...

E as pedrinhas balem!...
Coitadinhas das ovelhas mansas
longe das mães
presas nos currais de papelão!

E' boquinha da noite
no mundo que o menino impossivel
povoou sósinho!
A mamãe cochila
O papai cabecea
O relogio badala.
E vem descendo
uma noite encantada
da lampada que expira
lentamente
na parede da sala...

O menino poisa a testa
e sonha dentro da noite quieta
da lampada apagada
com o mundo maravilhoso
que ele tirou do nada...

Xó Xó, pavão,
sai de cima do telhado
deixa o menino dormir
seu soninho sossegado!

●

Invocação ao sôno, de Gilka Machado.

Sôno! da tua taça bronzea e fria
dá que eu possa sentir o éter, a anestesia...
Eis-me: corpo e alma—inteira
para essa tua orgia.
Busco esconder a minha hipocondria
na tua bebedeira.
Quero sentir o teu deliquio brando
apoderar-se do meu ser
e cochilando,
bamboleando,
ir, lentamente, escorregando,
pelo infinito do prazer.

Vem, meu languido amante,
deixa-me no teu suave e remançoso seio,
no teu seio gigante,
sem ansias, sem pesar, sem dôres, sem receio,
repousar um instante.

Vem! já de mim se apossa um sensual arrepio,
todo o meu ser se fica em total abandono...
Dá-me o teu beijo frio,
Sono!
Deixa-me espreguiçar o corpo esguio
sobre o teu corpo que é, como um frouxel, macio
.....
eis-me languida e nua
para a volupia tua.
.....
Faze a tua caricia
como um oleo passar pela minha epiderme;
essa tua carîcia humectante e emoliente,
que no corpo me põe coleios de serpente
e indolencias de verme.
.....
A vida
é uma dsecida;
mas tu, Sôno, me dás a inefavel delicia
de ensaiar a escalada
para a Morte—a ascensão á gloria ambicionada;
mas tu, Sôno, és a calma, és a mudez propicia
á suave antevisão da ampla Canaan do Nada.
Quem, como eu, da existencia apenas sente
a dôr atroz, a realidade bruta,
e traz numa agonia persistente
a alma, em vão onde móra a ventura perscruta,
só na tua embriaguez acha conforto.
Lança-me agora e sempre essa tua blandicia,
deixa-me descansar o corpo semi-morto
e a alma desiludida...
Faze com que da tua paz ficticia
á paz eterna me transporte,
Sôno—morte da Vida!
Sôno—vida da Morte!

●

Surdina, de Ribeiro Couto.

Minha poesia é toda mansa.
Não gesticulo, não me exalto...
Meu tormento sem esperança
tem o pudor de falar alto.

No entanto, de olhos sorridentes,
assisto pela vida em fora
á coroação dos eloquentes.
E' natural: a voz sonora
inflama as multidões contentes.

Eu, porém, sou da minoria.
Ao ver as multidões contentes
penso, quasi sem ironia:
«Abençoados os eloquentes
que vos dão toda essa alegria».

Para não ferir a lembrança,
minha poesia tem cuidados...
E assim é tão mansa, tão mansa,
que pousa em corações magoados
como um beijo numa criança».

Dr. Nuno Porto

Conselhos Praticos de Medicina—Volume II (Divulgação pela Telefonia). - Doenças da pele das creanças—Usagre, Intertrigo, Estrofulos, Eczema, Zona, Acrocyanose, Penfigo, Prurigo, Frieiras, Urticaria, Sarna, Tinha, Phytriase, Acne.—Hypertensão arterial—Volume de 32 paginas, brochado, Es. 3$00.

Já publicado, volume I, contendo:—A cura da febre tifoide, Angina, Pleurisia aguda, Furunculo, Hemorrhoidas, Dores de cabeça, Sangue pelo nariz, Insonia, Prurido, Frieiras, Gripe e o seu tratamento, Arteriosclerose, etc.—Um volume brochado, de 100 paginas, Esc. 5$00.

Legislação sobre o Horario de Trabalho—Anotada e comentada pelo sr. Augusto da Costa, seguida de um apendice—despachos elucidativos de Sua Ex.ª o Sr. Secretario do Estado das Corporações e Previdencia Social.—Volume brochado e apendice, Esc. 5$00.

No prélo

As Belas-Artes Plasticas em Portugal durante o Seculo XVIII, pelo Dr. Luiz Xavier da Costa. Constará de 1 volume cerca de 200 pagiuas in 4.º com 25 gravuras de pagina, cabeções, intervaios e finais.

Preço de favor até 31 de Dezembro, Esc. 45$00.
Depois da obra publicada, Esc. 55$00.

Remete-se um especimen a quem o requisitar aos Editores

J. RODRIGUES & C.A

186—Rua Aurea—188

Alberto Xavier

NO LABORATORIO INTELECTUAL

O romance e alguns aspectos da sua evolução na literatura europeia

Acêrca deste tema anuncia-se uma grande obra em 6 volumes do dr. Alberto Xavier

Ha mais de um ano que uma noticia chegara até nós: o dr. Alberto Xavier preparava uma obra, talvez de critica e de literaturas comparadas, trabalho de folego, destinado por ventura a interessar o nosso meio intelectual e literario, em todos os seus sectores.

Mais nos diziam que havia muitos anos que, em silencio, o dr. Alberto Xavier, aproveitando todos os ocios da sua vida publica—ha muito distraida da politica, como se sabe—se lançara a esse arduo trabalho.

Era verdade. E foi o proprio dr. Alberto Xavier que ha duas semanas nos poz a par da sua obra, cujo primeiro grosso volume deve entrar no mercado dentro poucos dias.

A obra intitula-se «O Romance», alguns aspectos da sua evolução na literatua europeia».

O titulo, só por si, pode dizer da vastidão do trabalho, e, com franqueza, pareceu-nos não inverosimil, mas excessivo para um homem, aliás de fina inteligencia, que não tem passado a vida no trato das letras e nas galerias das bibliotecas, nem se afirmára ainda como trabalhador da literatura, como erudito, como critico.

A certeza, porém, de que o dr. Alberto Xavier não apresentaria em circunstancia alguma uma obra que o comprometesse, como se se tratasse de uma estreiazinha literaria dos vinte e cinco anos, espicaçava a nossa curiosidade natural por todos estes assuntos de letras.

Pomos o leitor na presença do quadro metodico desta obra, destinada, indiscutivelmente, a provocar interesse publico, e á qual auguramos um exito, não apenas de livraria mas intelectual.

Antes de o fazermos, e para melhor elucidação do leitor, repetimos algumas declarações que o autor nos proporcionou, e com as quais quem nos ler pode melhor ficar habilitado a esperar e compreender a obra, que é, no primeiro volume, dedicada á memoria de Boccacio, de Fernando de Rojas, do autor desconhecido do «Lazarillo de Tormes e de Mateo Altámn, que desde o meado do seculo XIV a fins do seculo XVI «surgiram a ensinar a arte das composições realistas em prosa».

Plano e limites da obra

O sr. dr. Alberto Xavier elucida:

—A ideia de elaborar esta obra foi objecto de madura reflexão, e no seu demorado trabalho preparatorio empreguei muitos anos de paciencia serena e de perseverança resignada. Não me moveu, um instante, a ansiedade nervosa duma publicidade precipitada. Ele só vem a lume quando me convenci de que havia esgotado todas as possibilidades de fazer melhor.

O autor diz que acêrca de cada obra de que falará consultou a opinião dos mais reputados criticos e investigadores, estrangeiros e nacionais, recolhendo os seus documentos, comparando testemunhos.

Propriamente acêrca da sua obra elucida:

—E' inegavel a importancia preponderante do romance nas literaturas contemporaneas. Tendo durante a sua larga historia provado ser mais susceptivel, que qualquer outro genero, de se transformar e de se identificar com as metamorfoses incessantes engendradas pela evolução das ideias, dos sentimentos e dos costumes, pareceu-me merecedor de interesse elaborar uma obra, visando a focar alguns aspectos salientes, expressivos, e esclarecedores das mutações operadas nesta forma de arte através dos tempos. Tal é o objectivo deste trabalho.

—A tentativa—prossegue o dr. Alberto Xavier—é de um caracter novo entre nós. Um livro com os intuitos deste, obedecendo a um plano de conjunto metódico, concatenado, *isento de preocupações cientificas e eruditas*, estendendo as suas paginas, simultaneamente, pelas diversas literaturas europeias, afigura-se-me original:

Qual o criterio seguido pelo dr. Alberto Xavier para uma obra dispersiva, «empreza manifestamente vasta e complexa», como ele, o autor, reconhece?

O autor restringe o campo á vastidão, não arbitrariamente ao sabor de um capricho pessoal. «A expressão «literatura europeia», empregada no sub-titulo, não significa necessariamente literatura de cada uma das nações que constituem a Europa». Taine já afirmara que raros são os paises que se mostram possuidores de uma literatura completa *em toda a sua vida*. Ultimamente Bldensperger proclamou como berços da literatura europeia apenas a Italia, a Espanha, a França, a Inglaterra, a Alemanha. Isto é—interpretamos nós—já estava delimitado o ambito da historia literaria geral.

—Para reduzir a extensão do empreendimento a que me abalancei—precisa o dr. Alberto Xavier—tomei em consideração apenas as épocas brilhantes das *hegemonias literarias* conquistadas por certas nações em dados periodos historicos.

O criterio do Autor desta obra é pois o das hegemonias, evidentemente uma solução oportunista e habil, quanto a nós.

Desenvolve o seu criterio adoptado debaixo daquele aspecto, e nós acompanhamos a divagação.

A'parte a antiguidade classica greco-romana, a primeira hegemonia na Europa pertence a França, no seculo XII, e que a conserva até o seculo XIII. Em meados do seculo XIV esse papel proeminente passa á Italia que a conserva até ao seculo imediato. Transita o predominio para a Espanha no seculo XVI, e ela o conserva até meios do seculo XVII. Então a França aparece robustecida, impondo-se á Europa inteira.

Quando a França dá os primeiros sinais de esgotamento o centro da dominação no pensamento e nas letras, desloca-se para os povos anglo-germanicos, primeiro a Inglaterra, logo a Alemanha.

Apesar de todas as gloriosas reações da literatura francesa a preponderancia intelectual no seculo XVIII passa a ser essencialmente um fenomeno inglês, no ultimo quartel um fenomeno alemão, e no seculo XIX a hegemonia continua dividida entre a Alemanha e a Inglaterra. A propria França sofreu e beneficiou da vigorosa influencia anglo-germanica.

Observamos sinceramente ao dr. Alberto Xavier que, mesmo assim a vastidão do trabalho se mantinha, embora ele anunciasse que, visto determinado povo haver conquistado a hegemonia literaria e civilizadora em determinada época, plenamente se justifica o seu criterio de limitar o estudo aos aspectos mais destacantes da evolução do romance sucessivamente através das respectivas literaturas. E eis a resposta fundamental, explicação da obra, e justificação do metodo:

—O ambito do meu trabalho conservar-se-ia vasto, se um outro limite não fôsse necessario introduzir no criterio adoptado. Sendo abundante em cada país a produção romanesca o que se impõe, neste caso, é pôr em relevo, numa dada literatura e num dado ciclo, *um ou alguns romances mais celebres*, que de algum modo representem um modelo do genero no seu tempo, ou que marcaram uma data na sua historia, que exerceram uma acção profunda e duravel na Europa.

Está o leitor elucidado acêrca do criterio seguido pelo autor, neste trabalho que merece relevo jornalistico, pelo menos ante a espectativa.

E o processo de realizar? A este respeito é modesto e leal o sr. dr. Alberto Xavier.

—Não tendo eu o proposito de executar uma obra de investigação erudita, ela é completamente desprovida de todo o aparato cientifico. (A obra não tem sequer comentarios ou esclarecimentos no fundo das paginas; o proprio texto serve este escrupulo). Assim não é acompanhada de quaisquer notas bibliograficas de facil ostentação. E' uma obra de boa fé, e de probidade. Como tal, o meu desejo resume-se em conservar-lhe o *caracter de livro de literatura atraente*, aprazivel e acessivel a todos, de exposição clara e sintetica.

Posto isto, enunciemos a divisão da obra:

1.° volume: evolução do romance desde o seculo XIII ao seculo XVI, abragendo três literaturas, a francesa, a italiana, a espanhola, correspondentes aos periodos de hegemonia.

2.° volume: O romance no seculo XVII (literaturas espanholas e francesa). 3.° volume: transformações do romance no seculo XVIII. 4.° volume: O romance no romantismo. 5.° volume: O realismo no romance. 6.° volume: O romance contemporaneo

Ninguem, mais do que nós, deseja que o dr. Alberto Xavier execute integralmente o seu plano.

O primeiro volume

E' o que aparecerá dentro meia duzia de dias. Abre com um capitulo «A fortuna do romance», desde que este genero começou a exprimir visões alegoricas ou ideais, até que liberto da infancia e atingindo a maioridade sob o impulso viril dos franceses e dos ingleses, passou a representar a imagem da vida, a reflectir os multiplos aspectos da alma moderna, a revelar a fisionomia duma época, e a ser um elemento util, um precioso auxiliar para a historia da sociedade humana.

Os «Romances de cavalaria» ocupam a primeira parte. Eis os capitulos: A cavalaria e a literatura; o papel da França: O «Lançarote-Graal» em prosa (ideia do romance, essencia dos dois poemas de Troyes, a demanda do Graal, origem do amor cortez); «Amadis de Gaula» de Montalvo, «O romance de Amadis», de Afonso Lopes Veira; «O Palmeirim de Inglaterra».

«A Pastoral no Romance», constitue a segunda parte deste 1.° volume: O papel da Italia: uma invasão de «pastores» na literatura europeia», o «Ninfale d'Ameto», de Boccacio, a «Arcádia», de Sannazaro. «Menina e Moça», de Bernardim (obra de transição na literatura portuguesa). «A Diana», de Jorge de Montemor (o papel de um português); a Ressurreição de «A Diana», por Lopes Vieira. Depois: «Arcádia», de Filipe Sidney, aspectos dominantes da literatura inglesa antes de Sidney.

«Romances realistas e de costumes», é a 3.ª parte do 1.° volume. Começa com a acção da Italia: O renascimento e Boccacio, o «Decamerone», as suas imitações («Heptameron», da Rainha Margarida de Navarra). O papel de Espanha: «El Conde Lucanor», de D. João Manuel. Depois o «Carcere de Amor», de Diogo de São Pedro, obra de transição; a «Celestina» de Fernando Rojas; o «Lazarillo de Tormes» de autor desconhecido, e «Guzman de Alfarache», de Mateo Aleman (a fortuna dos dois modelos de romance realista), «Gil Blás», e a terceira parte de «Alfarache», da autoria de um português.

Por este breve enunciado ficase aquilatando do interesse do primeiro volume, que um merito mais terá, com certeza: o de ocupar, a critica séria, agitar por ventura o meio literario erudito, renovar por momentos a vida superior do espirito, pelas objecções que haverá o livro de sofrer já em reparos merecidos, já em contundencias apaixonadas.

Edição Ferin, normal.

Leilão da Biblioteca

do Ex.mo Sr. Embaixador

Dr. Ruy Ennes Ulrich

E' na proxima 2.ª feira 10, que prossegue o leilão daquela importante biblioteca, em que existem famosas especies bibliograficas sobre Historia, Economia Politica, Finanças, Direito, Colonias, Literatura, tres formosos Livros de Horas manuscritos com iluminuras etc.

Serão excluidos do leilão, as obras que teem dedicatorias dos autores ou por eles oferecidas.

O catalogo desta segunda parte, distribue-se na Livraria Manuel dos Santos organisadora do leilão, onde se recebem encomendas para a aquisição de qualquer obra. L. do Calhariz, 14. Telef. 2 8477

SORTES GRANDES

Só a casa COSTA, LDA. as vende
60 — Rua da Prata — 62

Quer a sorte grande?
Habilite-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

Antiga Confeitaria Pires
de J. TAVARES
68 - RUA DA PALMA - 70 TELEFONE 2 0688
BOLO REI
Amanhã e Domingo

Automoveis sem chauffeur
Alugam-se. R. Andrade Corvo, 6

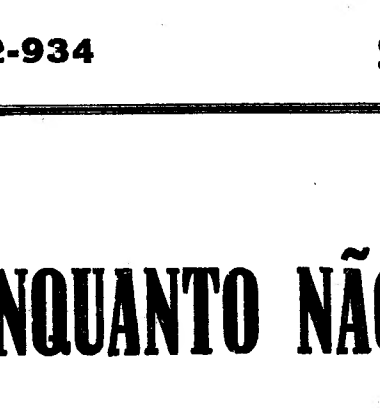
O PANORAMA LITERARIO PORTUGUES

ENQUANTO NÃO SE EXTINGUIR O ANALFABETISMO

não pode haver literatura em Portugal

afirma-nos o escritor e jornalista Julião Quintinha

Depõe hoje no nosso inquerito literario Julião Quintinha. Escritor e jornalista, Julião Quintinha assegurou ha muito, com brilhantismo, o seu nome nas letras portuguesas. Todos os seus livros são obras de sinceridade e de emoção. «Vizinhos do Mar» e «Cavalgada de sonho», obras do seu primeiro periodo, ressentem-se dum romantismo vibrante e arrebatado. São lindos quadros, de tintas suaves, quasi liricos, desse Algarve que é a sua provincia. Depois, com o dobrar dos anos,



Julião Quintinha, afirmando-se cada vez mais vigoroso, precisou outros horizontes mais largos para o seu espirito.

Realizou, então, um grande cruzeiro jornalistico ao continente negro, de que ele foca, em reportagens que podemos considerar capitais, os grandes lances da epopeia humana—«Mouzinho»—e em paginas de descritivo intenso, empolgante, os quadros da natureza, em toda a sua exuberancia tropical, comentados por figuras, de singulares reacções. Mas Julião Quintinha, idealista impenitente, cuja obra está em contacto permanente com todas as grandes aspirações sociais, tem ainda outras facetas. Como critico o seu volume, «Imagens de Actualidade» merece ser citado. São ensaios biograficos e psicologicos dalgumas das mais notaveis figuras da literatura nacional. O seu depoimento de franco atirador tem, outre outras, uma qualidade impressionante: é sincero, fremente duma veemencia a que não estamos acostumados. Por vezes, parece um acusador, seguro do seu «processo literario» que, num repto vibrante de eloquencia, pedisse á justiça toda a verdade, toda a claridade sôbre o momento que passa. Ei-lo:

— O que pensa do moderno movimento literario português?

— Penso que existe uma actividade literaria de apreciaveis resultados, sobretudo no que respeita a *qualidade*... E se a *qualidade* nem sempre prima em tudo que aparece nas montras dos livreiros, não devemos dizer muito mal, tendo em vista que nas carradas de volumes que os editores estrangeiros despejam no nosso mercado livresco, tambem só pequena percentagem se aproveita. O resto é especulação, comercio, valha a verdade que comercio onde, pelo menos, a apresentação é inteligente, com aspectos graficos que oferecem novidade e bom gosto. Além desta indispensavel comparação com a maioria da produção literaria estrangeira, outros argumentos sólidos atenuam as exigencias, aliás legitimas, que poderiamos manifestar em face da fragilidade de grande parte da nossa produção literaria. Tendo o país uma fabulosa massa de analfabetos; não existindo na organização do Estado qualquer departamento que se preocupe com as actividades e manifestações literarias; não havendo o necessario estimulo para os escritores, que são quasi todos pobres e têm de procurar viver de outras formas de actividade — sem tempo e sem tranquilidade para cultivarem o espirito, para aumentarem conhecimentos, para apurarem a sua produção — e sem existencia de uma critica orientadora, necessariamente o nosso panorama literario não poderia ser muito diferente do que é. Tudo isto, presentemente, ainda é agravado por circunstancias excepcionais do periodo de transformação politica, social e economica que o mundo atravessa, onde todas as expressões de pensamento intelectual e artistico sofrem pressões e restrições.

— Entende, então, que modificada essa situação respeitante ao analfabetismo e a outras circunstancias a que se referiu, poderia elevar-se a vida literaria do país?

— Tenho a certeza. A deminuição do analfabetismo, só por si, triplicaria o numero dos individuos que se interessam pelos problemas intelectuais e determinaria a criação de uma opinião publica mais consciente e, consequentemente, mais apta para estimular a actividade literaria. Simultaneamente, o Estado não poderia continuar a desinteressar-se da existencia dessa actividade, cumprindo-lhe assumir a atitude que toma em face de outras actividades sociais que valoriza, estimula e defende. E, ao mesmo tempo, os escritores, jornalistas, todos a quem interessa o problema, cuidariam, ao sério, numa associação de esforços, de melhorar as suas condições sob o ponto de vista espiritual, social e economico.

— Desse modo, crê na existencia de positivos valores no movimento literario português.

— Podia-lhe citar alguns nomes valiosos.

— E' optimista...

— Nem optimista nem pessimista. Observo apenas. E' evidente que temos poetas, romancistas, jornalistas, ensaistas, criticos, historiadores, novelistas, cronistas de viagens, todos com provas que os nivelam com bons escritores de outros países. Mesmo que se fizesse selecção rigorosa, ainda ficavam alguns valores, em todos os campos, e com as mais diversas ideias e orientações. Ora é desta massa intelectual que se faz literatura. E nunca alguem me convenceu de que os portugueses são menos inteligentes do que outros povos — antes pelo contrario...

— Todavia, não pode contestar que a vida literaria portuguesa decorre em condições precarias... e sem muitas e ousadas afirmações ou revelações...

— Devido ás causas que lhe indiquei e mais: a desorganização da industria livresca, a falta de iniciativas editoriais e o quasi alheamento do publico e do Estado. Quem se preocupa praticamente, com o intercambio literario entre Portugal e Brasil?! Enquanto os livros brasileiros conquistam — e muito bem — a atenção dos leitores em Portugal, os livros portugueses perderam terreno no Brasil. Quem se preocupa, praticamente, com o desenvolvimento do mercado livresco nas colonias?! As elevadas taxas postais para as colonias, as dificuldades de cobrança e de transferencias, quasi tornam proibitivo o comercio livresco no Ultramar. Dentro de tal desorganização a existencia do profissional das letras é naturalmente atormentada, dramatica... O escritor ou jornalista que no nosso país viver, exclusivamente, da sua pena — com independencia, sem subserviencias, o que é indispensavel a um honesto labor — tem de trabalhar tanto e tão intensamente que não lhe ficará tempo para cuidar da sua produção literaria. A consciencia desta situação é uma luta amarga, bem dolorosa para os que são pobres e não querem transigir com processos grosseiros, e que seriam capazes de produzir muito melhor em circunstancias diferentes. Num tal panorama, só é de surpreender que ainda apareçam algumas obras literarias de valor...

— E quais as principais caracteristicas ou tendencias dessas obras literarias?

— Variam, conforme o espirito, dos seus autores. Como sabe, entre nós não ha uma *literatura-tipo*, uma *literatura-padrão*, não temos escolas nem chefes literarios. Cada um escreve, mais ou menos, de harmonia com as suas ideias, como pode... Os que não têm ideias — quero dizer: os que não têm ideais para defender, por paixão, por inteligencia ou por um sentimento de dignidade humana, dedicam-se á *literatura neutra, muito mais comoda*, por necessidade de ganhar a vida ou por vaidosa exibição, alguns insistindo nos velhos temas passionais, nos variadissimos motivos folhetinescos de aventuras e ambiente policial, infelizmente ainda em voga...

— Mas nessa literatura de ideias deve transparecer um objectivo, certamente se adivinham tendencias sociais...

— Sim, mas não tão concretamente quanto seria para desejar. Vivemos numa epoca de dificil expansão... Ha aspirações definidas — temos fé em que, no futuro, a Humanidade sofrerá menos. E estas aspirações reflectem-se, por vezes, na literatura. O que ela não pode reflectir são formulas sociais definitivas, porque o momento universal é de confusão e duvidas, e a Inteligencia mal consegue libertar-se dessa inquietação.

— Mas não lhe parece que na nossa literatura ha correntes de opinião definidas?!

— Quanto possivel... Nem todos conseguem definir as suas opiniões, embora condicionadas á mais correcta expressão literaria. E' dificil agitar esse problema de ideias! Como lhe disse, não existem escolas nem grupos literarios. Ha escritores com afinidades espirituais e sociais, comandados pelo mesmo pensamento, uns num polo, outros noutro. Enquanto existirem dois homns sobre a terra, cada um defenderá o que julga ser a *sua verdade*... O que é elementarmente justo é que cada um tenha *iguais direitos* para proclamar a *sua verdade*. Para correctivo, já não seria pouco que cada um viesse a sofrer a desilusão e outras consequencias morais pelo seu êrro doutrinario ou literario.

— E para além da literatura de ideias não vê outras actividades literarias, dignas de registo na literatura portuguesa?

— Sem duvida. Ha os que cultivam a literatura *apenas pelo prazer da literatura*— o mesmo principio da *arte pela arte*—e que produzem paginas de magnifico estilo, sem preocupações de ordem social.

— Entende, então, que toda a literatura deve ter uma caracteristica social?...

— Não preciso pensar assim para dar satisfação ao meu pensamento. Tenho a opinião de que toda a verdadeira obra literaria—como toda a arte pura—tem uma função social, até mesmo quando não serve directamente qualquer ideia revolucionaria. Literaturas proletaria e revolucionaria são cousas diferentes de *literatura social*. As obras de arte que se guardam nos museus, as grandes partituras dos consagrados compositores, os poemas de Dante ou de Schiller, podem não ser revolucionarios, mas a humanidade não prescindirá dessas e de todas as altas manifestações de beleza como elementos de cultura social e de satisfação espiritual. O que sucede é que nem todos os escritores pensam no seu dever social e no sofrimento humano...

— Qual lhe parece que deve ser o dever do escritor?

— Não considero o escritor—como não considero individuo algum—com direito a privilegios especiais. E por isso entendo que o escritor, antes de mais nada, deve cuidar de cultivar o espirito, pensar e escrever o melhor possivel, apurando a sua profissão. E depois servir-se desta como instrumento util á colectividade, com o pensamento posto na paz social, contribuindo para que cada vez exista mais justiça, mais equidade, menos sofrimento no mundo. O escritor, porque cultiva a inteligencia, deve anular todas as manifestações de egoismo e vaidade que em si despontem, e não deve deixar dominar-se pelo interesse vil desculpavel nos pobres de espirito ou nos traficantes.

— Como encara a literatura mundial?

— Antes de mais nada, creio que nos deve ser permitido conhecer bem toda a literatura mundial, para fazermos honesto raciocinio. Que conhecemos nós da literatura americana, dos modernissimos russos e de outros povos orientais?! Bem pouco, em relação ao que se publica. Conhecemos a França. Da Italia e da Alemanha só podemos conhecer a obra intelectual dos escritores que fazem a apologia de Mussolini e Hitler. Seria justissimo e conveniente conhecer-se a obra dos que pensam de modo diverso. Em todo o caso, pelo que é possivel discernir, entendo que as principais e mais sérias correntes literarias que dominam nas grandes metropoles do pensamento, se dirigem mais á *Inteligencia* do que ao *Coração*. Adopta-se o *naturalismo* e toma vulto o *inconformismo* contra essa especie de fatalismo apatico que tornou possivel uma literatura para misticos, artificiosos e preciosos decadentes. Os temas, aristocraticos ou burgueses, de exaltação romanesca, os motivos passionais de especulação sentimental, começam a parecer ridiculos e cedem lugar ás obras de analise, aos documentarios sobre o indivduo e a Natureza, dos romanescos saudaveis sinceramente inspirados por alto sentido critico, influenciados pela Ciencia que estuda os fenomenos sociais e os misterios da Vida e da alma humana. E' ainda o periodo de transição para uma mais alta vida cultural, que será melhor esclarecida quando terminarem os excessos de um pretenso *nacionalismo* e das consequentes reacções, que fomentam a desordem nos espiritos.

— E' contrario ao *nacionalismo* em literatura?

— Sou contrario a toda a acção que limite a faculdade de assimilação, expansão e produção literarias do indivduo ou dum país. Entendo que a função reguladora destinada a submeter as actividades literarias ao bem comum, deve, automaticamente, derivar do grau de mentalidade e cultura dos povos. Uma *literatura* ou uma *arte* submetidas a um *tipo-padrão, nacionalista ou internacionalista*, produzidas em series, exactamente como as maquinas ou automoveis americanos, não são possiveis. Se tal fosse possivel seria uma coisa horrivel e monstruosa. O que empresta encanto á literatura e á arte são as adversidades, a beleza original e imprevista, a multiformidade que lhe dá o individuo, inspirado ou influenciado pelo sentido do Universo. As obras de arte ou literatura que têm eternidade e que servem o orgulho *nacionalista*—Miguel Angelo, Wagner, Shakespeare, Camões, precisamente, são grandes, porque contêm a porção de humanidade que as protegeu para além-fronteiras. Nenhuma grande obra internacional pode deixar de interessar ao equilibrado espirito nacional. Até mesmo as maiores forças espirituais e materiais que dominam a vida enraizam no pensamento internacional—exemplos: a Religião e Finança. Assim como o facto dos exercitos do Japão e de outros países modernizarem os seus armamentos no estrangeiro os não desnacionaliza, tambem o universalismo da literatura não aniquila o vigor nacionalista. Pensando assim, em meu modesto entender nunca deixei de estimar tudo que de belo e bom me oferece o espirito nacionalista, mas sem travar a curiosidade ante o magnifico panorama da literatura internacional.

— Se lhe dissesse que concretizasse, em sintese, os seus pontos de vista para a renovação da vida literaria portuguesa?

— Considero-me a pessoa menos indicada para tal definição. Mas falando em meu nome, exclusivamente, como modesto subsidio, arrisco as seguintes sugestões:

1.º—Extinção do analfabetismo no prazo maximo de quinze anos; 2.º—Criação duma Repartição Autonoma de Cultura Nacional, para ordenação de toda a vida literaria, artistica e mental; 3.º—Fundação da Associação de Homens de Letras, com fins espirituais e materiais; 4.º—Organização do Instituto Internacional do Livro, com a cooperação dos organismos literarios e cientificos e do proprio Estado, para a instalação da grande Biblioteca Internacional e trabalhos de intercambio literario com todos os países; 5.º—Uma serie de medidas tendentes á remodelação das industrias livresca e graficas; ao estudo da livre expansão dos livros e publicações; do proteccionismo, transitorio, para criação dos mercados livrescos no Brasil e Colonias. Suponho que tudo isto—que pode ser uma realidade—com a cooperação da Imprensa—tambem remodelada—contribuiria para a renovação da vida literaria portuguesa. E não deixaria de ser uma oba profundamente nacionalista.